



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

ANA MARIA ZAGALO DAS NEVES

Famílias feridas: um caminho para a cura
A Reconciliação da família na *Amoris Laetitia*

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof. Doutor Jorge Cunha

Porto
2017

Agradecimentos:

Ao meu marido, pela paciência e pelo apoio incondicional nesta jornada;

Aos meus filhos, pela inspiração e pela motivação de seguir em frente;

Aos meus pais, que cuidaram dos netos com todo o amor e carinho, quando a
minha ausência se impunha;

Aos meus sogros; pela ajuda em cada momento;

Aos meus orientadores da PES, Dra Rosa Mary Manso e Dr Francisco
Guimarães; pela partilha de conhecimento e orientação ao longo do ano;

Aos meus colegas de estágio, Maria de Lurdes Rosário e Calisto Oliveira, pela
compreensão, interajuda e pelo carinho;

Aos meus alunos, por serem fonte de inspiração e serem a razão de toda esta
caminhada;

Ao meu orientador do Relatório Final, Dr. Jorge Cunha, pela presença, auxílio e
sabedoria;

A Deus por me carregar no colo durante toda a caminhada!

Gestos de carinho, atenção e delicadeza fazem-nos perceber
quanto algumas pessoas são especiais na forma de ser e como
são bem vindas as suas ações. Muito obrigado!

Índice

Abreviaturas:	4
Abstract:	5
Palavras-chave:	6
Nota Prévia:	7

APROFUNDAMENTO TEÓRICO

Introdução:	8
Capítulo I: Como falar de família?.....	11
Capítulo II: Família e as suas feridas: um olhar sobre a atualidade.....	16
Capítulo III: O lugar da família ferida na <i>Amoris Laetitia</i>	27
Capítulo IV: Feridas saradas: a reconciliação das famílias feridas na <i>Amoris Laetitia</i>	30
4.1. Conceito de perdão	32
4.2. Conceito de reconciliação.....	34
4.3. A reconciliação na família	35
Conclusão.....	38

PRÁTICA LETIVA: UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM DA UL3 DO 5º ANO - A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR

I. Caracterização da Turma	41
II. Gestão do Currículo	
II.I. Planificação Anual e por Período.....	44
II.II. Sequência do Processo ensino-aprendizagem.....	56
II.III. Recursos ou documentos enriquecedores.....	98
II.IV. Instrumentos de Avaliação	107
II.V. Reflexão crítica da Gestão do Currículo.....	114
III. Atividades de Enriquecimento Curricular.....	117
III.I. Concurso de Presépios	118
III.II. Concurso de Cruzes	120
Bibliografia	121

Abreviaturas

AL – Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*

Ap – Livro do Apocalipse

CIC – Catecismo da Igreja Católica

EG – Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*

EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica

FC – Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*

Gn. – Livro dos Génesis

INE – Instituto Nacional de Estatística

Jb – Livro de Job

Jo – Evangelho segundo São João

Lc – Evangelho segundo São Lucas

Mc – Evangelho segundo São Marcos

Mt. – Evangelho segundo São Mateus

PES – Prática de Ensino Supervisionada

Abstract

Falar de família hoje tem tanto de aliciente quanto de desafiante. Sendo esta a célula básica da sociedade, são os valores cultivados no seio familiar que vão vigorar na comunidade que a integra. Na atualidade, assistimos a uma transformação nos princípios orientadores da instituição familiar, convertendo e modificando o grupo que é o primeiro a nos acolher e transmitir as noções estruturantes de socialização, partilha e proteção. Muitas são as feridas que têm vindo a ser infligidas no seio da família e muitos são os atentados que vem enfrentando: a falta de tempo, precaridade laboral, desautorização dos educadores, materialização da sociedade... É urgente agir de forma a abraçar as novas estruturas familiares e encontrar uma cura que ajude a cicatrizar as feridas e salvar a pedra fundante da sociedade. O Papa Francisco, ciente dos perigos que vive a instituição familiar e alerta para as transformações cada vez mais reais, ajuda-nos com a sua Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, onde explicita os focos de sangramento da família hoje e mostra-nos um caminho de esperança, baseado na reconciliação dentro da família e com a família.

Talking about family today is as appealing as challenging. Being the basic cell of the society, there is going to be its values the ones that will prevail in the community. Nowadays, we can observe a transformation in the guiding principles of the family institution, converting and changing the group which is the first to cherish and transmit us the structural notions of socialization, sharing and protection. Many are the wounds that have been being inflicted in the family and many are the outrages it has to deal with: lack of time, job insecurity, disavowel of the educators, materialization of the society... It is urgent to act in order to embrace the new family structures and find a cure that helps healing the wounds and save the society founding stone. The Pope Francisco, aware of the dangers that the family institution faces, and alert for transformations that are becoming more and more real, helps us with his Apostolic Exhortation *Amoris Laetitia*, where

he explains today's bleeding foci of the family and shows us a way of hope, based on reconciliation inside and among family.

Palavras-Chave

Família; Reconciliação; Perdão; Feridas; Pais; Filhos;
Transformação; Sociedade

Nota prévia

Este relatório surge como resultado do trabalho desenvolvido ao longo do ano letivo de 2015/ 2016, no contexto da Prática de Ensino Supervisionada (PES) decorrida na Escola D. António Ferreira Gomes, Ermesinde.

Este estudo inside sobre o trabalho realizado com uma turma do 5º ano, focando em especial a Unidade letiva 3 – Família, Comunidade de Amor. Perante os desafios que fui sentindo ao planificar este tema, decidi debruçar-me sobre o carácter ferido da instituição família e sobre uma possível cura para os mesmos. Para tal, fiz um estudo da Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, do atual Sumo Pontífice, Papa Francisco. Esta opção prendeu-se com a riqueza que pude encontrar no documento e na forma realista como aborda estas questões.

Numa segunda parte, é apresentado o trabalho realizado no campo, tendo em conta todo o estudo realizado. Para tal, é apresentada a caracterização da turma e as opções curriculares tomadas para mesma. Para dar a conhecer a forma como o trabalho foi desenvolvido, é descrita a sequência do processo de ensino-aprendizagem, bem como os recursos usados e os instrumentos de avaliação.

Convido-vos, então, a embarcar nesta que foi uma esplêndida viagem de descoberta do eu enquanto professora de E.M.R.C.

Introdução

Todo o ser humano encontra a sua essência nas bases da sua família. Este é o primeiro grupo que o acolhe e no seio do qual vai adquirir as noções básicas de socialização, os seus princípios e a sua estrutura emocional.

“*A alegria do amor que se vive nas famílias é também o júbilo da Igreja.*” (AL, 1). É com esta frase cheia de profundo significado que o Santo Padre, Papa Francisco, inicia a Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, toda ela direcionada para o amor e para a importância da família. De facto, a família é pedra fundamental na fundação de toda a sociedade e dos membros que a constituem. Sendo a nossa Igreja formada por homens, esta não poderia estar alheia ao carácter fundante da instituição família, congratulando-se com as suas potencialidades, alegrias e sucessos, mas também preocupando-se e agindo no sentido de ultrapassar os muitos desafios que esta enfrenta.

Este pequeno estudo surge de uma paixão pelo tema da família, descoberta ao lecionar o mesmo a alunos de 5º ano, com idades entre os 9 e os 13 anos. Esta unidade suscitou muito interesse e motivação, mas apresentou também muitos desafios na hora de tratar assuntos tão delicados e íntimos a um grupo de alunos que vivem situações familiares distintas e algumas delas bastante preocupantes. Pretende-se falar de família, mas sem cair em demagogias e falsas propostas de famílias utópicamente perfeitas. O objetivo desta dissertação é abordar a família enquanto instituição ferida, abalada por dilacerantes golpes que a vão fazendo sangrar. Esta opção prende-se com a experiência que fui tendo enquanto docente. Em cada aluno fui reconhecendo uma realidade distinta, mais ou menos dolorida, mas em todos algo sofrida. Não há famílias perfeitas e tentar passar a ideia que é possível criá-las, é suscitar nos alunos um sentimento de frustração e angústia, por eles não conseguirem sentir esta perfeição no seu seio familiar.

É assumindo a família ferida que se pode tentar sarar a mesma e caminhar no sentido do seu aperfeiçoamento.

Contudo, falar de família numa época em que esta instituição é abalada por um sem fim de novos valores e contra-valores, em que tudo começa a ser relativizado e onde o individual supera o comunitário, é uma tarefa que se veio a revelar muito difícil, cheia de “areias movediças” e “armadilhas” perigosas, que podem levar a um resultado totalmente inverso ao pretendido com o tratamento deste tema. Contudo, este é um assunto do qual, dada a sua pertinência, não se pode fugir. É, também uma unidade que, trabalhada de forma coerente e adequada, revela-se bastante aliciante e cheia de sentido para os alunos. “*Entre os numerosos caminhos, a família é o primeiro e o mais importante. É um caminho comum, ainda que particular, único e irrepitível, como irrepitível é todo o homem. Com efeito, ele vem ao mundo no seio de uma família, e quando esta falta, cria-se na pessoa uma carência dolorosa.*” (Holguin,103). É por isso que jamais este tema poderia ficar por tratar. As alegrias, as expectativas, mas também as ânsias, as angústias, os medos...o sentir dos alunos sobre a família deve ser o ponto de partida, sem julgamentos nem juízos de valor, mas com uma base valorativa sólida, que sustente o bom tratamento da unidade.

As maiores riquezas, potencialidades e alegrias, mas também os maiores desafios da família centram-se no facto desta ser humana, composta por homens e mulheres que amam, mas que também erram. Dentro do seu carácter humano, rico, mas frágil, a chave para o sucesso da vida da família terá de se encontrar, necessariamente, no encontro entre as pessoas que constituem a célula familiar, só possível na tolerância, no respeito e, acima de tudo, na reconciliação. Esta foi a grande descoberta feita ao trabalhar o tema, pelo que será sobre a reconciliação/ conversão das famílias, que irá versar esta dissertação. Para tal, irei focar, fundamentalmente, a Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* (AL), redigida pelo Santo Padre Francisco e trazida a público em Março de 2016. A *Amoris Laetitia* surge como uma novidade para a Igreja. Embora deva ser lida em total continuidade relativamente a documentos anteriores, esta exortação versa sobre as novidades que emergem com a atual situação familiar. Surge na sequência

dos dois Sínodos convocados pelo Papa Francisco, sobre a família, que tiveram lugar nos anos de 2014 e 2015.

Na sua exortação, o Papa Francisco chama cada um a trabalhar sobre a família e a dar o seu contributo responsável na sua conversão. Na verdade, este é o grande objetivo deste documento: dar linhas orientadoras no sentido da construção de uma Famíliasã, humana e sólida. O Sumo Pontífice revela mesmo esperar “*que cada um se sinta chamado a cuidar com amor da vida das Famílias, porque elas «não são um problema, são sobretudo uma oportunidade.»* (Francisco, *Discurso no Encontro com as Famílias, em Santiago de Cuba (22 de Setembro de 2015): L’Osservatore Romano (ed. semanal portuguesa de 24/IX/2015), 14.*)” (AL, 7)

A *Amoris Laetitia* é, de facto, um documento único e inovador pois dá-nos um olhar real sobre a Família. Esta não é descrita, nem tão pouco ambicionada de modo utópico, como se a perfeição fosse possível. Muito pelo contrário. Na sua enorme sabedoria, o Papa Francisco apresenta-nos uma visão realista da Família, apelando à compreensão da mesma na sua qualidade falível e alvo de feridas e sangramentos. “*Fiéis ao ensinamento de Cristo, olhamos a realidade atual da Famíliaem toda a sua complexidade, nas suas luzes e sombras. (...). Hoje, a mudança antropológico-cultural influência todos os aspetos da vida e requer uma abordagem analítica e diversificada. (...). Estamos conscientes da direção que vão tomando as mudanças antropológico-culturais, em razão das quais os indivíduos são menos apoiados do que no passado pelas estruturas sociais na sua vida afetiva e familiar.*” (AL, 32)

Capítulo I

Como falar da família?

Falar de família hoje torna-se num desafio, repleto de infindáveis variáveis que poderão melindrar tanto educadores como educandos. Este é um tema que vai adquirindo características quase de tabu, onde cada palavra lançada deve ser medida e meditada, de forma a não ferir susceptibilidades nem transmitir, erradamente, juízos de valor. Enquanto professora de E.M.R.C., qual o caminho que deveria seguir para tratar um tema tão complexo quanto este? O objectivo deverá ser sempre direccionar os alunos para um caminho de bem e de felicidade. Passará este caminho pela apresentação de um modelo ideal ao qual devam aspirar? Assim, deveríamos olhar a família pelo lado da perfeição, sacralizá-la ao ponto da infalibilidade? Mas no fundo, o que será uma família perfeita? Será que poderemos descrever a mesma como um núcleo constituído por pais e filhos, sem transtornos nem percalços, sem dores nem vicissitudes? Será esta a norma da perfeição? E se for, será esta norma aplicável à família, sendo este um grupo formado por seres humanos?

A verdade é que não existe família perfeita, este é um mito a ser derrubado. Se arriscarmos propor um modelo ideal, há uma probabilidade gigantesca de ir contra uma forte percentagem dos alunos que temos na nossa frente. Se pensar na turma com a qual trabalhei ao longo da Prática de Ensino Supervisionada, as situações familiares dos maus alunos eram tão variadas quanto dispares. Antes de trabalhar o tema, procurei conhecer o contexto familiar dos meus alunos e deparei-me com situações de divórcio, de famílias reconstruídas, crianças que viviam com os avós ou até padrinhos. Destaco um caso que retrata bem a complexidade destas novas formas familiares. Um aluno referiu viver com os pais do padrasto, que considerava seus avós. Ao aprofundar a situação, descobri que a mãe imigrara com o padrasto deixando o menino com os pais do companheiro, juntamente com uma irmã bebé, filha deste casal, e dois filhos do padrasto. O pai também tinha refeito a sua vida com uma senhora já mãe de uma

criança. Entretanto, surgira uma criança filha do pai e da sua companheira. Nesta complexidade, o rapaz nunca fora capaz de referir pacificamente o número de irmãos, uma vez que biológicos eram apenas dois, mas não conseguia excluir os filhos dos companheiros dos pais, com os quais crescera. Também a sua noção de quem eram os avós estava difusa, vendo maior intimidade nos que o criavam e com quem não tinha qualquer ligação genética, do que propriamente com os avós paternos. Esta descrição é bem reveladora da complexidade e da confusão aliadas às transformações que as famílias vivem neste momento. Contudo, mesmo em famílias ditas tradicionais, os alunos revelaram a noção da sua falibilidade, pela ausência dos pais que trabalhavam em dois ou três empregos, todos precários, por forma a fazer face às despesas; pela falta de compreensão ou falta de diálogo; pelas condições de pobreza; pela distração dos pais em relação ao que, para os alunos, era essencial.

A Igreja católica foi evidenciando sempre um olhar atento e preocupado sobre as questões que vêm assolando a família, e o atual papa, Francisco, mostra especial sensibilidade e sentido de realidade, através da dissertação apostólica *Amoris Laetitia*. Neste documento, o papa Francisco traça uma imagem real da família, destacando as suas potencialidades, mas revelando e sublinhando as suas limitações, as feridas que vão surgindo numa instituição que, antes de tudo, é humana. A partir desta noção de falibilidade e fragilidade, são delineadas algumas estratégias que podem ajudar e fortalecer o berço de todo o homem. A grande estratégia, sem dúvida, passa pela reconciliação constante e verdadeira. Só assim se superam os erros e se curam as feridas.

“Para a maioria dos homens, a família é o fator essencial da virtude e da felicidade, primeiro na infância, tempo da sua formação, depois na idade adulta, no lar que eles fundarem. O nível moral de uma nação depende, antes de tudo, ainda que não exclusivamente, do respeito pela instituição familiar.” (Leclercq, 30)

A família tem um papel fundamental na vida das crianças. De facto, é fundamental esclarecer e trabalhar um tema que é basilar na formação pessoal dos alunos.

Quando referimos família, definimos mentalmente e de forma automática, algum conceito fruto da vivência de cada um. No fundo, o que isto significa é que não vamos conseguir conceber uma definição exata, igual de pessoa para pessoa sobre o tema, pois cada pessoa é única e irrepetível.

Já o Papa Leão XIII dizia “*É, em grande parte, no seio da família que se prepara o destino das nações.*”. De facto, a família constitui uma relevância incomensurável na construção da pessoa e da sociedade da qual é parte integrante.

Com o passar da história, a família tem enfrentado diversos desafios, tendo superado e resistido a ataques diversos e constantes. A família vai sendo posta em causa, mesmo quando os problemas lhe são alheios. A própria conceção de família foi se alterando ao longo dos tempos. “*Mais do que uma célula base ou um último refúgio contra as agressões externas, a família aparece como instituição flexível e persistente, logo que sejamos capazes de tomar alguma distância histórica*” (P. João Paulo II, *Carta às Famílias*, 57). Neste sentido, urge pensar se a escola estará preparada para enfrentar e tratar dignamente estas transformações no conceito e no paradigma familiar.

Israel Belo Azevedo descreve claramente um bom ponto de partida para o tratamento deste tema, ao afirmar que “*ter em mente que não existe família perfeita é um bom começo e pode motivá-lo [ao aluno] a dar o máximo para mudar aquilo que acha que deve ser mudado em si e nos outros.*” (Azevedo, 6)

Se há uns tempos a sociedade era composta por famílias ditas tradicionais, compostas por pais e filhos, hoje a realidade mostra-nos um quadro bastante distinto. Hoje temos uma predominância das famílias monoparentais e das famílias reconstituídas, onde casais se reúnem, juntando numa nova família filhos de um e filhos de outro, que nada são uns aos outros. Temos depois as famílias alternativas, em que os avós, tios, padrinhos ou outros familiares assumem o cuidado e a educação das crianças, ou mesmo as famílias de acolhimento que assumem o papel de pais quando estes não cumprem com as suas funções. O conceito de família ganhou contornos complexos e confusos. “*Com o aumento dos divórcios*

reaparecem, em grandes proporções, a família monoparental, formada apenas por um dos progenitores e a sua prole, ou mesmo o avô, a avó e os netos, e a família recomposta, ou seja, a que não sendo original, é formada por um cônjuge que poderá ou não ter filhos. Mas ambos podem ter filhos e vir a ter novos filhos que resultam da sua união, neste caso, estamos perante a coabitação de filhos de três proveniências familiares distintas. A complexidade aumenta ainda quando pensamos no leque de relações que terão de criar com os parentes respetivos” (P. João Paulo II, *Carta às Famílias*, 57). A descrição da família do meu aluno, acima referido, retrata precisamente estas declarações do extinto papa João Paulo II.

A pertinência no tratamento do tema prolonga-se se refletirmos também nas transformações verificadas nas funções de cada um dentro do seio familiar. Hoje os pais são vistos de forma diferente. Hoje são, muitas vezes confundidos com os “amigos” dos filhos, quando estes devem ter funções e papéis diferentes. É fundamental termos esta noção: a família é a primeira e fundamental educadora e socializadora das nossas crianças. A escola deve agir com a família, não em vez da família. *“Se reunirmos todas as famílias que existem na atualidade, temos a sociedade. Assim é. Qualquer que seja a educação que se leve a cabo dentro da família, esta ver-se-á refletida na sociedade que se forma. E as instituições, tais como escolas, Igrejas, comércio e governos são, por fim, extensões de formas familiares até formas não familiares.”* (Satir, 28). As pessoas vão alterando o seu esquema de valores ao longo da sua vida e como tal vão configurando-os de acordo com a sua vivência familiar. A família, por consequência, vai sofrendo alterações de acordo com esta dinâmica também. Os problemas da sociedade atual são os problemas da família, e os problemas da família são os problemas da sociedade.

“As alterações na composição e funcionamento da família, embora não tenha características iguais em todas as culturas, apresentam alguns traços comuns muito importantes. A modernização social promoveu, entre muitos fenómenos, a introdução da mulher no mundo do trabalho, a tendência à redução do número de filhos, o aumento das separações e do número de filhos que vivem sozinhos ou apenas com uma das figuras parentais.” (Tedesco, 31). Estas transformações têm vindo a formar uma sociedade

distinta da anterior, mais individualista, onde cada um terá de *lutar pela sua sobrevivência*. Será fundamental saber trabalhar estas transformações no contexto de sala de aula de forma a permitir criar nos alunos um conjunto de valores que se coadunem com um crescimento harmonioso e ajustado ao ser social que é. *“Tal como o destino do marinheiro depende de saber que uma grande parte do iceberg está submersa, assim o destino da família depende de compreender os sentimentos, necessidade e normas que regem os sucessos familiares quotidianos.”* (Satir, 2). É essencial compreender que abordar o tema da família exige a noção de que muito há para além do que está à vista, há um sem fim de profundidade em cada aluno que deve ser considerado e ao qual devemos atentar na hora de transmitir os conteúdos, a fim de evitar cair em moralismos ou juízos de valor.

“As pessoas identificam-se não só consigo mesmas (auto-identificação), mas também com os objetos do seu meio, como o são as pessoas com as quais se relacionam, ou as convicções.” (Neuenschwander, 118). Neste sentido, será fundamental haver, dentro do seio familiar, modelos de identificação para as nossas crianças e adolescentes. *“Um ambiente familiar marcado pela empatia, carinho e amor pode prepara mais cedo a estrutura motivacional da criança para a compreensão dos pontos de vista e interesses comuns dos outros.”* (Marques, 61). No entanto, como vamos exigir tolerância e compreensão do outro quando a criança vive em meios familiares atribulados, confusos, que eles próprios não conseguem compreender? Neste campo, cabe à escola a função de apoiar as crianças e os jovens a fazer uma releitura da realidade em que estão integrados, dar um novo olhar à sua família, olhá-la como humana, com fragilidades e potencialidades, construindo as bases para criar a sua própria família no futuro.

Capítulo II

Família e as suas feridas: um olhar sobre a atualidade

Há uma relação direta e recíproca entre as ameaças aos valores familiares e as falhas na sociedade em que a família se integra e da qual é, simultaneamente, fundadora. *“O mundo atual está a viver uma crise antropológica. O individualismo e o consumismo põem em questão a cultura tradicional da família; as condições económicas e laborais tornam muitas vezes difícil o convívio e a coesão no seio da família. Assim, o número daqueles que têm medo de fundar uma família ou que falham na realização do seu projeto de vida, aumentou de forma dramática, bem como o das crianças que não têm sorte de crescer numa família estruturada.”* (Kasper, 7) Kasper refere apenas algumas das feridas que vão sendo infligidas na família e que, pouco a pouco vão afetando toda a sociedade, como se de uma epidemia se tratasse.

A família atravessa uma era de mudanças avassaladoras. Estas transformações eram já visíveis nos finais do século passado, como nos mostram os dados dos Censos até 2001. Na análise destes, podia verificar-se que, *“para além da viuvez, o divórcio é um mecanismo importante de dissolução da família”* (Rosa et Vieira, 61). As famílias que se vão reestruturando deixaram de pressupor o casamento institucional e os filhos não são, já, resultado necessariamente de um único casamento. Ao longo da sua vida, um indivíduo vai aglomerando em si diversas famílias que vai constituindo, dissolvendo e reconstituindo. Esta situação agudiza-se enormemente com o passar dos anos. Basta olhar com um pouco de atenção para os dados resultantes dos estudos estatísticos, como os Censos de 2011, para vermos como a dinâmica familiar em Portugal está diferente. *“Na última década acentuaram-se as tendências de mudança no que diz respeito à conjugalidade, com o aumento das uniões de facto, dos nascimentos fora do casamento, do divórcio e da recomposição familiar. A taxa de*

fecundidade atingiu níveis mínimos e a esperança média de vida aumentou. Estas transformações implicaram também um processo de mudança progressivo e persistente em direção a novas formas de viver em família. As famílias são hoje significativamente mais pequenas do que há 50 anos. O casal continua a ser a forma predominante de organização familiar, mas o seu peso estatístico recuou. Em contrapartida, aumentaram as famílias monoparentais, constituídas por pai ou mãe só a viver com os filhos, e as pessoas que vivem sós.” (Delgado et Wall, 23). Estes dados, apresentados friamente pelo INE, são preocupantes, representando uma ameaça real, embora disfarçada, da estabilidade e do equilíbrio das famílias e em particular dos indivíduos que se formam no seio das mesmas. Os nossos jovens e as nossas crianças crescem num ambiente de vulnerabilidade e de provisório, não adquirindo o sentido de proteção, solidez e abrigo que a família deveria proporcionar-lhes. *“Na infância e na adolescência, continua-se a viver em agregados de famílias simples [compostas apenas por um núcleo familiar], e a proporção das crianças e adolescentes a viver neste tipo de agregado até sobe nos últimos dez anos; no entanto, no interior das famílias simples, encontra-se um crescimento dos que vivem em famílias monoparentais e uma descida dos que vivem em famílias de casal com filhos.”* (Delgado et Wall, 58). Esta é uma realidade que se pode verificar nas escolas em Portugal, onde uma enorme percentagem dos alunos vive em núcleos familiares muito divergentes, onde, com frequência, contam com a presença só de um dos progenitores, sendo o outro substituído por elementos “estranhos” à criança que trazem consigo, inclusivamente, outras crianças, alheias à sua família de base. Hoje, o ser família é algo de relativo e de difuso. *“Na conjugalidade abriu-se campo para o crescimento exponencial da coabitação informal e dos nascimentos fora do casamento, do divórcio e da recomposição familiar, multiplicando-se as formas possíveis de constituição e dissolução dos casais, uma forma doméstica e familiar ainda dominante, mas com tendência para decrescer.* (Delgado et Wall, 65). Assistimos, claramente a uma desinstitucionalização dos laços conjugais, com *“o fenómeno da recomposição familiar [que] regista, globalmente, uma tendência crescente nas sociedades*

contemporâneas e constitui um elemento central na análise da mudança e da diversidade familiar em Portugal. (Delgado et Wall, 117). Todos estes fenómenos originam desequilíbrios e inseguranças nos jovens. Estes deixam de ter pontos de referência e de segurança que lhes permitam crescer despreocupadamente, sabendo que a sua família permanecerá sempre unida e sólida na sua estrutura.

“Mediante esta caracterização, afirma-se que a família atual atravessa um processo de «desinstitucionalização» e que, por consequência, não se concretiza num único modelo, estando antes aberta a diversas formas de convivência ou de agrupamento humano.” (Vidal, 16)¹

Ao longo dos tempos a Igreja foi demonstrando a sua preocupação com esta “epidemia”, alertando para as feridas que faziam a família sangrar e que eram passíveis de se tornar “infecciosas e altamente contagiosas”. Já em 1981 o extinto Santo Papa João Paulo II sentiu a necessidade de agir, redigindo a exortação apostólica *Familiaris Consortio* onde indicava as grandes ameaças lançadas à família. Falava de imensos sinais de degradação de alguns valores fundamentais que deveriam ser base sólida da família (Cf. *FC*, nº 6, 7).

Numa sociedade que buscava uma modernização forçada, um corte com ideologias passadas e a superação de males como o exagerado domínio masculino, a *Familiaris Consortio* vem falar-nos de uma conceção equívoca da independência dos cônjuges. De facto, numa tentativa de quebrar com a dependência muitas vezes anulante da pessoa, especialmente da mulher, caiu-se num individualismo exacerbado, levado ao ponto de deturpar o sentido fundamental da união matrimonial. O casal deixou de querer sentir-se “preso um ao outro”, começando a trilhar dois caminhos em vez de um só. Cada cônjuge busca a sua própria felicidade e realização a todo custo, nem que para tal seja posto em causa o bem-estar do outro e da família em geral. A partilha do casal perde riqueza, chegando a haver situações de casamentos com separação total de bens, onde cada um dos cônjuges tem a “sua própria carteira” e os seus próprios bens, não tendo nada em comum um com o outro. Esta separação nos bens materiais é reveladora de uma

¹ *“Mediante esta caracterización se afirma que la familia actual pasa por un proceso de «desinstitucionalización» y que, en consecuencia, no se concreta en un solo modelo sino que está abierta a diversas formas de convivencia o de agrupación humana”*

separação que se foi criando na forma como se relacionam e nos sentimentos que partilham. Derivado destes fatores, assiste-se a um preocupante crescente número de divórcios. Criou-se na vida do casal um facilitismo e um relativismo em relação à forma como se percebe a vida em comum, começando a haver matrimónios baseados na ideia de que “se correr mal, cada um segue o seu caminho”. Esta não pode ser a ideia da qual se parte para a união matrimonial. Esta mentalidade leva a que, à primeira dificuldade e em nome de uma felicidade individual a que cada um acha que tem direito, o casal coloque um ponto final na sua relação, ignorando todas as consequências desta destruturação do núcleo familiar e o suporte que retiram, especialmente aos filhos, principais vítimas destas feridas.

O Santo Padre alerta também para defeitos que crescem na autoridade e na relação entre pais e filhos. É muito frequente ouvir-se a expressão “Eu sou o melhor amigo do meu filho”. Esta é uma das grandes deformações na relação entre pais e filhos. As funções tornam-se difusas e os filhos crescem como pequenos imperadores que não vêm os pais como autoridade a respeitar e obedecer. Os pais não devem ter a pretensão de ser “amigos” dos seus filhos, eles são muito mais que isso. O amor de um pai por um filho deve ser bem mais profundo, altruísta e incondicional que o amor partilhado entre amigos e colegas. Os pais e a entrega que devem ter para com os filhos é o exemplo humano mais claro do verdadeiro significado do amor *Ágape*. Mas amar incondicionalmente é procurar a felicidade do outro e esta busca não passa pela desculpabilização nem pelo ignorar das regras que são fundamentais na formação equilibrada do seu humano. Cada vez mais os pais revelam medo de se imporem aos seus filhos, com medo de com isto lhes causarem sofrimento ou de perderem o amor dos mesmos. Este medo de atuar com autoridade não é de todo benéfico para os filhos que crescem desenvolvendo esta noção de que são intocáveis, estão no centro de todo o universo e que a sua felicidade está acima de qualquer outro fator. Esta ferida dilacera as famílias e vai transformando e deformando a sociedade num individualismo contraditório do carácter social do ser humano.

Nunca foi tão difícil educar como hoje, muito pelos defeitos na autoridade e na relação pais – filhos, referido anteriormente. Desta dificuldade nascem distúrbios e deformações na sociedade que se refletem

na vida familiar e na própria concepção de família. Assistimos, assim, a uma “bola de neve” de fator – consequência, que criam dificuldades avassaladoras na transmissão dos valores que deveriam ser a base da convivência humana, pelas famílias. Há valores que podem ser alvo de discussão, revertidos para a esfera cultural ou individual de cada um. Contudo, há valores que são universais e dos quais a sociedade não pode abdicar, tais como o respeito, a justiça, a honestidade, o respeito pela vida e dignidade humanas...

O Papa João Paulo II advertiu, ainda, para diversos aspetos que lentamente (ou não tão lentamente assim) vão fazendo a instituição familiar sangrar, conferindo golpes pesados numa sociedade que se vê a braços com problemas gravíssimos relacionados com a perda de respeito pela vida humana e pelo seu valor fundamental. Cada vez mais se difunde, nas famílias, um relativismo em relação ao dom de procriar, de dar à luz, de dar vida a nova criatura, com recurso insustentado à esterilização e uma mentalidade anticoncetiva difundida de diversos meios. A sociedade em geral e as famílias em particular, criaram uma dilacerante confusão entre planeamento familiar e anticoncepção ou até mesmo controlo do nascimento a todo o custo. Planear uma família de forma sustentada, garantindo o bem-estar de todos e a sobrevivência digna dos seus membros, não pode significar a rejeição do dom que são os filhos e muito menos o menosprezo pela sua vida desde o instante da sua concepção. É preocupante a forma como se limitam os nascimentos em favor de uma vida repleta de exageros e luxos desnecessários e mais grave, como se legitimam métodos homicidas que se verificam no crescente número de abortos.

Na década de 80, quando o extinto Papa Santo redigiu a *Familiaris Consortio* fazia-se sentir uma crescente insegurança, agravada pelo materialismo e pelas exigências cada vez maiores no estilo de vida de cada indivíduo; fatores estes que vieram a afetar gravemente a família e a paz dentro da mesma. Ao mesmo tempo que aumentavam as exigências individuais de cada um, foi havendo um crescente fosso social, com um número alarmante de famílias a viver em situações sociais de miséria. Surgem e crescem os bairros sociais e com eles a discriminação, a

criminalidade e a marginalidade. A família foi sendo golpeada de diversas frentes perante esta mesma realidade.

João Paulo II faz, também, um alerta para as deformações da consciência, com a conversão e transformação dos valores que serviam de suporte à instituição familiar. Falamos, por exemplo, da forma como começou a ser visto o divórcio e, acima de tudo, a aceitação quase que leviana de novo matrimônio de pessoas divorciadas. É espantosa a visão de futuro que o Santo Padre aqui evidenciava. Hoje encontramos as mais variadas formas de luta pelo recasamento católico, relativizando assustadoramente o sacramento do matrimônio. É fácil encontrar, nas redes sociais, vários grupos organizados de pessoas que lutam pela aceitação do divórcio religioso, e pela possibilidade de contrair várias vezes matrimônio com a bênção da Igreja Católica.

Na sua exortação, *Amoris Laetitia*, o Papa Francisco veio reforçar estas ameaças identificadas pelo Santo Papa João Paulo II, renovando e atualizando a preocupação da Igreja perante este fenómeno, e apresentando orientações para que os casais caminhem no sentido da revitalização das famílias (Cf *Amoris Laetitia*, nº 33, 39, 44 e 50).

O Santo Padre começa por alertar para o individualismo exagerado que vem transformando cada componente da família numa ilha isolada, sem ligação nem interdependência dos demais. O Homem é um ser social que, embora autónomo, jamais encontrará realização na solidão, o que o torna dependente dos que o rodeiam. O Papa Francisco alerta para o perigo de um “individualismo exagerado”. Muitas vezes o homem cria a ideia errada de que consegue construir-se de acordo apenas com as suas vontades, deixando de parte o respeito e a interdependência em relação ao outro. Com frequência, os desejos individuais chocam com os desejos do grupo, e nesta mentalidade crescente, o que vai vigorar com primazia são os desejos e as motivações do indivíduo, nem que deles dependam a boa vivência de todo o seio familiar.

É cada vez mais preocupante a impaciência e agressividade que vão sendo cada vez mais notórias e danosas na vivência familiar atualmente. Muitas são as razões que podem levar a estas características nefastas nas atitudes do indivíduo, desde a angústia do desemprego e da pobreza

iminente, ao mero egoísmo e individualismo que leva cada um a lutar por si, custe o que custar. Se em épocas anteriores a agressividade se prendia com fatores culturais relacionados com alguma ignorância e com uma sociedade marcadamente machista, hoje as motivações são outras, mais contundentes, angustiantes e dolorosas. Hoje a agressividade é a resposta para as pequenas discórdias que possam por em causa a elevação do eu. E quando se fala de agressividade, vamos muito além da violência física. As palavras são bem mais dolorosas e lancinantes e quando usadas para ferir, trespassam o coração de qualquer um. Depois da ofensa, a impaciência não abre espaço à reconciliação, fecha a pessoa em si, quebrando de imediato os laços que possam unir aquela família.

O ritmo de vida atual, extremamente marcado por stresse e uma aceleração que não abre espaço ao diálogo e à partilha, é também uma ferida que vem exterminando as bases de solidez da família. Hoje, uma das maiores calamidades que assola as famílias prende-se com o tempo, ou com a falta dele. A correria do dia a dia, dividido entre empregos cada vez mais exigente e absorventes, e inúmeras atividades que buscam apenas a mera realização individual, não deixa espaço à vivência familiar, à partilha e ao desenvolvimento das relações que são fundamentais ao equilíbrio no crescimento do indivíduo, neste caso, dos filhos. É cada vez mais comum vermos as crianças e jovens entregues a centros de apoio à família ou envolvidos em imensas atividades extracurriculares, por forma a dar resposta à falta de tempo que os pais têm para eles. O tempo de aprendizagem e de fortalecimento interior que deveriam conseguir com a convivência em família, acaba por ser despendido na companhia de “estranhos”, para quem estas crianças são números e formas de rendimento (embora muitos centros façam trabalhos esplêndidos e criem uma empatia e uma proximidade extraordinárias com as crianças).

Este ritmo acelerado e o stress a ele agregado, relacionam-se enormemente com as fracas oportunidades de trabalho – escassas e precárias - que aliadas aos pesados encargos que os governos vão exigindo cada vez mais, obrigam a longas jornadas de trabalho, o que dificulta a convivência conjugal e a vida em família. O próprio cansaço dos pais leva à falta de diálogo, ausência de partilha, deficiência na escuta e no acolhimento do outro. Como forma de

defesa ou resposta a esta frustração e cansaço, os pais respondem com violência e agressividade que vai atingir diretamente os seus filhos, que por sua vez vão aprender a agir com violência e agressividade para com os outros. *“As famílias que influem nesta direção são aquelas em que há uma comunicação deficiente; aquelas em que predominam as atitudes defensivas e os seus membros não se apoiam entre si; onde não há atividades familiares que favoreçam a participação; as famílias onde as relações entre os pais costumam ser conflituosas e violentas, e as relações pais-filhos se caracterizam por atitudes hostis. A violência no seio da família é escola de ressentimento e ódio nas relações humanas básicas».* (Conferência Episcopal Mexicana, *Que en Cristo Nuestra Paz México tenga vida digna* (15 de Fevereiro de 2009), 67.) (AL, 51)

Ao cansaço alia-se a ansiedade, pela incerteza e instabilidade que vão crescendo no mundo do trabalho. Se sempre houve uma preocupação com o futuro e a preparação da vida, o melhor possível, para alcançar uma situação de estabilidade e bem-estar no futuro, hoje esta preocupação toma proporções disformes, sobrepondo-se à vivência do presente. Os medos são de tal ordem que as famílias não gozam a partilha do presente, não saboreiam as graças que vão surgindo na sua vida, focalizando-se apenas na preparação de um futuro incerto. A tudo isto se acrescenta a frustração e a força desmotivadora de um futuro profissional incerto. Hoje em dia é arriscado falar-se de carreira profissional quando as pessoas vêm-se obrigadas a transitar de um meio para outro, de uma profissão para outra, por forma a fazer face a um aumento dramático do desemprego e a uma desvalorização do trabalhador enquanto tal. O indivíduo vê-se impossibilitado de criar objetivos e planos a longo prazo, manchado pela falta de esperança de se realizar dentro da área à qual se sente chamado, onde encontra a sua vocação e para a qual se forma. Além desta frustração, encontra-se, ainda, a inconstância económica, que limita a aquisição de bens tão essenciais quanto a habitação, meio de transporte e muitas vezes a própria alimentação. Estes fatores criam, dentro de cada um, um crescendo de sentimentos negativos, que vão sendo, inevitavelmente, transpostos para o seio familiar, minando-o desde o seu interior. Como diz o velho ditado, “casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão”. Um provérbio

cheio de sentido se analisarmos a forma como a fome – não só biologicamente falando, mas também a fome de realização, de cultura, de valorização pessoal... - destrói a esperança e a felicidade de cada um. “(...) *isto mesmo* [a falta de perspectivas laborais] *vive tragicamente a sociedade atual em muitos países, e esta falta de emprego afeta, de várias maneiras, a serenidade das famílias.*” (AL, 25)

Esta é uma verdadeira “bola de neve” que leva consigo o equilíbrio e a felicidade do indivíduo, da sua família e em última instância a própria sociedade onde se encontra inserido.

O Santo Padre alerta para sinais como a perda de hábitos como a refeição em família, que revelam claramente o afastamento e a indiferença que vai crescendo dentro do seio familiar. Muitas são as solicitações e as distrações, como a televisão, as novas tecnologias, as redes sociais..., contrapostas a um insuficiente esforço pela união da família.

Esta questão da falta de tempo, da pressa constante e do stresse está intimamente relacionada, também, com uma nova e exigente organização social e laboral. A sociedade mudou drasticamente nas últimas décadas, e com ela mudou a família e a forma como a percebemos. A família, outrora vista como o centro da sociedade, começa a ser, cada vez mais, remetida para um plano inferior. Hoje procura-se o sucesso profissional a todo o custo, muitas vezes em detrimento do sucesso familiar. Cada vez mais se incute a ideia de que a realização pessoal de cada um se foca apenas na sua carreira, no seu sucesso enquanto ser profissional. Hoje não se trabalha para viver, cada vez mais vive-se para trabalhar. Numa profissão busca-se não só o sustento, mas também, e cada vez mais, estatuto. Infelizmente, esta busca pela realização pessoal tem tomado dimensões preocupantes, uma vez que deixa o grupo-família num segundo plano, sofrendo com a ausência e com a falta de paciência decorrente das ansiedades e das angústias de um mercado tão competitivo como o mercado laboral. Não se pode negar que, a agudizar a situação, encontramos a emancipação feminina que ainda procura reconhecimento e a marcação de um lugar na sociedade e no mercado de trabalho, cada vez mais frequentemente em detrimento da família e dos filhos. Adia-se a opção de constituir família, abdica-se do dom que são os filhos e quando os há,

dedica-se muito pouco tempo aos mesmos, e mesmo esse pouco tempo não tem a qualidade que seria desejável.

Aliado a este stress de uma vida a correr, o Papa Francisco identifica como danosa a obsessão pelo tempo livre. Hoje o tempo livre não se resume ao espaço em que, estando fora da atividade laboral, se poderia estar com a família, realizar atividade em grupo familiar ou meramente aproveitar o aconchego do lar. Atualmente, o tempo livre significa uma pausa do trabalho, mas também da própria família. Os filhos e a responsabilidade que exigem por parte dos pais, são vistos como obstáculos que dificultam o gozo real e completo dos espaços de tempo em que o indivíduo não se encontra a trabalhar.

De todas as feridas que vão sendo abertas na família nos nossos dias, o Papa Francisco manifesta especial preocupação pela transformação cultural de relativismo e do provisório. A rapidez com que as pessoas passam de uma relação afetiva para outra é um bom exemplo disso mesmo. Hoje em dia é muito comum ouvir-se dizer, relativamente a relações afetivas “Vamos tentar, a ver o que dá...”. As relações são cada vez mais objetivas, onde se medem os benefícios que cada um possa retirar das mesmas, sem qualquer sentido de entrega ou dedicação. Hoje o casamento pretende atingir a felicidade própria ao invés de buscar a felicidade do outro. Os casais já casam pensando no divórcio, preparando toda a sua vida para isso mesmo. Cada vez mais vemos casamentos com separação total de bens, ou até mesmo a fuga ao matrimónio, vendo a união de facto como a resposta facilitadora em caso de separação. Não há relação com o compromisso, este é mesmo assustador para o indivíduo. Ao mais pequeno desentendimento, ao primeiro desafio ou à primeira sedução, deita-se por terra toda a caminhada do casal e tudo o que até então construíram. *“As crises conjugais são «enfrentadas muitas vezes de modo apressado e sem a coragem da paciência, da averiguação, do perdão recíproco, da reconciliação e até do sacrifício. Deste modo os falimentos dão origem a novas relações, novos casais, novas uniões e novos casamentos, criando situações familiares complexas e problemáticas para a opção cristã »”.* (III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos, Mensagem (18 de Outubro de 2014): *L’Osservatore Romano* (ed. semanal portuguesa de 23/X/2014),) (AL, 41) Grave será pensar que entre os

bens que são abandonados encontram-se os filhos, muitas vezes vistos como mais um dos objetos que o casal tem de aprender a partilhar.

Capítulo III

O lugar da família ferida na *Amoris Laetitia*

O tratamento do tema da família apresentou sempre dificuldades, especialmente atentando ao que o programa da disciplina de E.M.R.C. e o que o respetivo manual oferecem. Ao analisar aprofundadamente estas duas fontes, e refletindo sobre os objetivos apresentados nas mesmas, é notório que a grande lacuna encontra-se na tentativa de apresentar um modelo familiar ideal, revestido de uma certa “perfeição lírica”, pretendendo-se quase que um “felizes para sempre” dos contos de fadas. Mas a realidade é que nenhuma família pode, em momento algum, atingir este nível de imaculada utopia pelo simples facto de ser composta por seres humanos, frágeis e conseqüentemente pecadores. A família humana deve ser vista como uma instituição rica, cheia de potencial, como a base de toda a sociedade, mas também ela passível de falhas, repleta de feridas que a fazem sangrar. Antes de mais, é fundamental compreender esta dimensão ferida da família, para que se possa abordar o tema de forma consistente, obtendo resultados realmente positivos no seio da comunidade educativa, e particularmente entre os alunos.

É fundamental ter em conta que os alunos são os filhos destas famílias feridas e que *“a sofrer maioritariamente com as feridas lacerantes da família estão os filhos.”* (Scola, 64). *“A primeira necessidade do filho é ter os seus pais unidos. O desenvolvimento são do filho reclama que este receba a dupla influência do pai e da mãe de forma mais homogénea possível, ou seja, que esta dupla influência se exerça sobre ele com tal unidade que a criança não possa imaginar ou notar diferença alguma entre seus pais. A boa educação do filho exige que os seus pais estejam tão unidos como seja possível: por outras palavras, exige que o amor reine no lar.”* (Leclercq, 22). No entanto, cada vez mais a escola acolhe alunos com agregados familiares alternativos, com a presença apenas de um progenitor ou até de nenhum deles, com estranhos que entram nas suas vidas assumindo o papel que pertencia ao pai ou à mãe, situações que nem sempre

encaram com naturalidade e que vão deixando feridas profundas com cicatrizes para o resto das suas vidas.

O Papa Francisco revela uma noção bem clara desta situação. Em momento algum tenta ludibriar os católicos com modelos familiares exemplares, modelos estes que nem Jesus Cristo nos tentou passar na sua mensagem. *“A Bíblia aparece cheia de famílias, gerações, histórias de amor e de crises familiares, desde as primeiras páginas onde entra em cena a família de Adão e Eva, com o seu peso de violência, mas também com força da vida que continua...”* (AL, 8) Deus não nos apresenta a família de forma romântica e utópica. Esta é apresentada de forma real, pecadora, fugindo das ideias líricas de grupo familiar modelo, perfeito, isento de mácula ou de ferida. *“O idílio, que o Salmo 128 apresenta, não nega uma amarga realidade que marca toda a Sagrada Escritura: é a presença do sofrimento, do mal, da violência, que dilaceram a vida da família e a sua comunhão íntima de vida e de amor.”* (AL, 19)

A família na bíblia surge manchada pelo sofrimento e pelo pecado, não é isenta de mácula. São várias as narrativas bíblicas que apontam para situações familiares disruptivas ou controversas, (cf. Mt 19, 3-9) (Gn 3, 16) (cf. Mc 1, 29-31), (cf. Mc 5, 22-24.35-43; Jo 11, 1-44), (cf. Lc 7, 11-15); (cf. Mc 9, 17-27) desde irmãos que se matam, mulheres que cometem adultério e até situações de ruptura total, com a descrição terrível de Job: *Deus « afastou de mim os meus irmãos, e os meus amigos retiraram-se como estranhos. (...) A minha mulher sente repugnância do meu hálito e tornei-me fétido para os meus próprios filhos “(Jb 19, 13.17).* (AL, 20). *“O próprio Jesus nasce numa família modesta, que à pressa tem de fugir para uma terra estrangeira. (...) Conhece as ansiedades e as tensões das famílias, inserindo-as nas suas parábolas: desde filhos que deixam a própria casa para tentar alguma aventura (cf. Lc 15, 11-32) até filhos difíceis com comportamentos inexplicáveis (cf. Mt 21, 28-31) ou vítimas da violência (cf. Mc 12, 1-9)”.* (AL, 21) Jesus Cristo não olha a família como entidade perfeita, mas aborda-a na sua fragilidade. *“Cada família tem diante de si o ícone da família de Nazaré, com o seu dia-a-dia feito de fadigas e até de pesadelos, como quando teve que sofrer a violência incompreensível*

de Herodes, experiência que ainda hoje se repete tragicamente em muitas famílias de refugiados descartados e inermes.” (AL30)

A verdade é que a instituição família é suscetível de errar, é humana em tudo o que isto possa significar. Por um lado, é rica em afetos, em amor e em partilha. Contudo, a *“família atravessa uma crise cultural profunda, como todas as comunidades e vínculos sociais. Nela, a fragilidade dos vínculos reveste-se de especial gravidade, porque se trata da célula básica da sociedade”* (EG,66). O Papa Francisco revela a gravidade da fragilidade da família e como a falência desta instituição leva, conseqüentemente, à falência de toda a sociedade.

É importante notar que *“nenhuma família é imune: em todas existe uma quota de falta de confiança, de injustiça e de prevaricação. O risco é tão mais marcado e difuso numa sociedade como a nossa, confusa sobre o fundamental e doente de individualismo.”* (Scola, 64).

Tendo em conta o exposto, seria completamente antagónico e sem sentido tentar apresentar aos alunos um modelo familiar ideal, isento de falhas e incapaz de falhar. A família é falível e hoje enfrenta desafios sociais que a fazem sangrar ainda mais. São feridas que vão tentando matar o que de mais valioso a família tem: a construção equilibrada do homem, a partilha de afetos e o sentido de proteção, a formação de uma sociedade capaz de subsistir perante o mal e caminhar no sentido de um futuro onde o bem comum se encontra no centro de tudo.

Capítulo IV

Feridas saradas: a Reconciliação das Famílias

Feridas na *Amoris Laetitia*

O nosso Sumo Pontífice resume de forma clara a mensagem de preocupação e angústia, mas também de esperança e fé que a Igreja deposita na realidade ferida das famílias na atualidade. *“A família também é um hospital de campanha, com muitas feridas a ligar e muitas lágrimas a enxugar, e onde é necessário continuar a suscitar Reconciliação e paz.”* (Papa Francisco). Foi com base nesta esperança e na noção da urgência em agir de forma a contrariar a tendência de rotura, que o Santo Padre convocou o Sínodo dos Bispos, dedicados exclusivamente às questões que afetam as famílias na atualidade. Estes Sínodos foram a base da Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, na qual são reafirmadas as linhas orientadoras para uma vivência familiar sã. No sínodo, os bispos de todo o mundo referem que *“é particularmente necessário apreciar de maneira adequada a força da família, para poder ir ao encontro das suas fragilidades. Esta força reside essencialmente na sua capacidade de amar e de ensinar a amar. Por mais ferida que uma família possa estar, ela pode sempre crescer a partir do amor.”* (Do relatório final do sínodo dos Bispos ao Santo Padre Francisco) Mas como pode a Família manifestar este amor que deve ser a base de toda a estrutura da Família? *«Ninguém tem maior amor do que quem dá a vida pelos seus amigos»* (Jo 15, 13). Este versículo resume a forma como Jesus Cristo provou o seu amor pela humanidade. Com a sua vida, Jesus mostrou que é na entrega total que mostramos o nosso amor pelos outros, mas demonstrou muito mais que isso. Jesus mostra-nos de forma radical, a misericórdia de Deus para com o Seu Povo. Na verdade, o Papa Francisco diz-nos na sua exortação, que os frutos do amor são também a misericórdia e o perdão. (cf AL, 27) O Santo Padre revela, de forma bastante positiva, a *“esperança nos que mantém a valorização nas relações familiares baseadas no respeito. Muitos estimam a força da graça que*

experimentam na Reconciliação sacramental e na Eucaristia, que lhes permite enfrentar os desafios do matrimónio e da família.” (AL, 38). É nestas famílias que encontramos exemplo e modelo de como enfrentar os desafios e avançar no sentido da solidificação da família.

Em 2004, os Bispos das Dioceses do Centro do nosso país reuniram-se a fim de criar alguns guiões que orientassem as famílias cristãs. Um dos pontos que desenvolveram resume muito claramente a mensagem que o Santo Padre vem a desenvolver na exortação Apostólica *Amoris Laetitia*: “*O verdadeiro amor desculpa, perdoa e esquece*” (*A família cristã, reflete, dialoga e reza*, 8). Neste pequeno ponto, os Bispos referem o perdão como uma atitude difícil, mas “*indispensável para a paz entre os membros de uma família cristã. O perdão é a expressão mais verdadeira do amor na sua gratuidade, porque é assim o amor misericordioso de Deus para conosco. As ofensas nunca se devem deixar apodrecer ou recalcar. Que surja sempre no mesmo dia o gesto sincero de perdão pedido e aceite. «Não se ponha o sol sobre as vossas divergências», ou «Que nunca tenhais de dar um grande perdão, porque todos os dias estais dispostos a perdoar», são conselhos de grande alcance. O perdão das ofensas é como as dívidas: se todos os dias se pagam, nunca se chegará ao pagamento impossível.*” (*A família cristã, reflete, dialoga e reza*, 8). O perdão e a reconciliação são, de facto, os antídotos recomendados pelo nosso papa para a cura das feridas que vão sendo criadas no seio da família. Já em 2004 a Conferência Episcopal Portuguesa referia que “*manter e aperfeiçoar a «comunhão familiar» exige de cada membro da família, «generosidade, disponibilidade para partilhar, compreensão, tolerância, perdão, contínua abertura à reconciliação e fidelidade às pessoas»* (*Carta Pastoral A Família, Esperança da Igreja e do Mundo*, 9). De notar, também, uma das primeiras afirmações do Papa Francisco, enquanto Sumo Pontífice: “*Sobre a porta da entrada da vida da família estão escritas estas três palavras: Com licença, Obrigado e Desculpa*” (*Relatório do Sínodo 2015*, 87). Este conselho é a base para assegurar a comunhão na família.

Perdoar e reconciliar não significam exatamente o mesmo, embora um esteja inerente ao outro. O perdão pode existir sem reconciliação, mas esta última é impossível sem que haja uma atitude de perdão sincero e profundo.

4.1. Conceito de Perdão

O papa Francisco refere que o “*perdão [é] fundado numa atitude positiva que procura compreender a fraqueza alheia e encontrar desculpas para a outra pessoa, como Jesus que diz: «Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem» (Lc 23, 34).*” (AL, 105)

Conhecer em profundidade o sentido do perdão é fundamental para se entender a dinâmica da misericórdia. “*A resposta brota da intimidade divina. Perante o pecado do homem, Deus responde com o perdão. Esta palavra etimologicamente está composta pelo prefixo per- que indica perfeição: per-don é o dom perfeito, significa: voltar a dar-se. Assim, o perdão aponta para a raiz do pecado, o apartar do dom, ao qual não chega o castigo que apenas coíbe a ação exterior. O pecado não só consiste na rotura de uma ordem ou de um mandato, mas sim o afastamento do mesmo «dom de si» de Deus e apenas pode vencer-se por um amor novo que una a Deus.*”(cf *Evangelizar as Famílias*, Diocese de Coimbra) De facto, perdoar é mais que desculpar, bem mais profundo que esquecer a mágoa. O perdão parte da aceitação do erro e a vontade de, a partir daí, tornar o outro melhor.

Muitas são as ideias erradas sobre o conceito de perdão. Perdoar não é esquecer. O verdadeiro perdão não pode esquecer. Este olha, sim, o erro e aprende a ser tolerante com o mesmo, agindo de forma a que este não se repita, ajudando o errante a não voltar a cometer o mesmo delito. Sobre o perdão o homem tem controlo, sobre o esquecimento ou a memória, nem por isso. Portanto, achar que perdoar é esquecer é, por vezes, conferir ao ato errante um carácter imperdoável. “*A iniciativa do perdão envolve uma boa memória e uma compreensão clara do delito; caso contrário, o pedido do perdão, transformação do coração já não seria possível.*” (Monbourquette, 29). Mas também não se pode achar que perdoar significa negar a existência da ofensa. O perdão parte do assumir a ofensa e caminhar no sentido de a neutralizar e reconstruir caminhos sobre a conversão da mesma.

Perdoar comporta mais que um simples ato de vontade. A vontade não é o único fator que entra no ato de perdoar: não é possível um perdão instantâneo apenas porque me disponho a pedir perdão ou a aceitá-lo verbalmente. “*Todas as faculdades são mobilizadas no perdão: a*

sensibilidade, o coração, a inteligência, o juízo, a imaginação, a fé, etc.” (Monbourquette, 33). Neste mesmo sentido, O perdão não pode ser imposto. O ato de perdoar acarreta uma profundidade tal que, ou o perdão é verdadeiro e voluntário, ou este não existe. Exigir o perdão porque moralmente é o correto, seria retirar-lhe o seu caráter gratuito e espontâneo.

Seria *naïve* achar que, pelo perdão, tudo voltará a ser como antes da ofensa ser cometida. Perdoar não quer dizer voltar ao ponto antes da ofensa. Esta é a grande diferença entre perdoar e reconciliar. O perdão nem sempre leva à reconciliação, uma vez que esta implica o retornar da relação. Perdoar é libertar o coração da mágoa da ofensa, não tendo necessariamente que voltar ao ponto anterior. Em suma, o perdão não é sinónimo de reconciliação e pode existir sem a mesma. No seio familiar a reconciliação deveria ser a consequência normal do perdão, é essa a fórmula indicada pelo Papa Francisco para a cura da família ferida. Contudo, seria utópico pensar-se que com o perdão conseguimos retornar ao ponto de partida. A palavra depois de proferida e a ação depois de realizada não têm retorno, e muitas vezes as cicatrizes ficam para a vida. Isto não significa que sejam impossíveis o perdão e a reconciliação. Muitas vezes, depois de esclarecidas as partes e quando o perdão é verdadeiro, a relação pode ser estabelecida em bases mais sólidas, renovadas pela aprendizagem feita daquela experiência dramática.

Muitas vezes julga-se que o perdão é impossível por significar deixar impune o ofensor. O perdão é, antes de tudo, um ato de benevolência e gratuidade, o que não significa que ao perdoar estejamos a renunciar à justiça. O perdão que não combate a injustiça não é sinal de força ou coragem, mas antes um sinal de falsa tolerância. Esta atitude vai perpetuar o mal cometido em vez de o abolir ou transformar. É frequente ouvirmos dizer que perdoa-se este ou aquele, desculpabilizando-o/a com diversos fatores como educação, fatores hereditários, contexto, etc.... mas o perdão não pode significar a justificação dos atos por quaisquer fatores. A ofensa é injusta e deve ser alvo de transformação/ conversão, não é desculpando-a que esta conversão acontece. Ao desculpar está-se a legitimar o ato pela pessoa que o cometeu, podendo, por isso, repetí-lo sempre que quiser. Perdoar é ajudar a ser melhor, não é permitir que se permaneça nas trevas.

Certos perdões em vez de libertarem acabam por oprimir e humilhar o ofensor. *O perdão não pode transformar-se num gesto subtil de superioridade moral, de «suprema arrogância».*(Monbourquette, 39) O verdadeiro perdão reveste-se de humildade e abre caminho a uma reconciliação verdadeira. Quando o perdão é cheio de mágoa e de desejo de vingança, de instinto de «rir por último», esta vontade de superioridade não faz mais que manter viva a situação de dominador e dominado. O verdadeiro perdão não é uma manifestação de poder, mas antes um gesto de força interior, reconhecedora da vulnerabilidade humana, sem a mascarar de falsa magnanimidade.

Por outro lado, o Homem esconde-se, frequentemente, por detrás da máxima «O perdão só a Deus pertence». É antigo o ditado que diz «Errar é humano e perdoar é divino». É fácil entregar a Deus a responsabilidade de ilibar cada um das suas falhas e das ofensas cometidas, mas não é correto fugir da sua responsabilidade na conversão do outro. Cabe a cada um saber compreender e aceitar as falhas dos outros, ajudando-os a ser mais e melhores pessoas. O verdadeiro perdão cabe a cada um de nós, não compete apenas a Deus.

4.2. Conceito de Reconciliação

Ao longo de toda a Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, o Papa Francisco reforça a importância da aceitação do outro, do encontro e do aperfeiçoamento de cada um na relação familiar através do perdão e da reconciliação. Esta é a base de sustentação de toda a estrutura familiar.

Mas como podemos definir reconciliação? Proveniente do latim *reconciliatio*, esta significa o restabelecimento da amizade, ou seja, a busca de uma repacificação. Esta palavra está relacionada com o verbo *reconciliare* que significa restabelecer a ordem, reunir, tornar saudável, repacificar. Se pesquisarmos num dicionário de teologia, a reconciliação surge-nos como o “reatamento do diálogo entre duas pessoas inimigas ou supostamente tais.” Teologicamente falando, refere-se ao “perdão concedido a um pecador, a um delinvente, por meio da satisfação” (Dicionário de Termos de Fé). Contudo, há também uma noção filosófica

que nasce devido ao idealismo alemão. Nesta perspectiva, Hegel sugere uma definição de reconciliação como um ponto de encontro entre duas entidades, salvaguardando ao mesmo tempo as suas características independentes.

Mais numa perspectiva bíblica, considero que Piérre Adnès faz uma exposição clara e objetiva do que significa reconciliar. A reconciliação remete-nos para uma mudança no relacionamento entre pessoas pela transformação dos sentimentos que as unem, dos aspetos psicológicos e das atitudes, permitindo um ambiente de paz, entendimento e unidade. É importante perceber que reconciliar vai além do mero conciliar. Conciliar, do latim *conciliare*, remete para uma solução não danosa, que encontre o acordo entre as partes. Já reconciliar exige uma profundidade superior, um estado, um sentir, um restabelecimento de laços entre pessoas que se encontraram envolvidas em situação de conflito.

4.3. A Reconciliação na família

A família, interna e profundamente ferida, só pode ser sarada se enveredar pelo caminho do perdão e acima de tudo da reconciliação. Este não é um caminho fácil, especialmente tendo em conta a nossa fragilidade humana. O Santo Padre está ciente disso mesmo. Contudo, aponta este como o caminho único e inevitável para a cura da família e para a sua fortificação. *“Quando estivermos ofendidos ou desiludidos, é possível e desejável o perdão; mas ninguém diz que seja fácil. A verdade é que «a comunhão familiar só pode ser conservada e aperfeiçoada com grande espírito de sacrifício. Exige, de facto, de todos e de cada um, pronta e generosa disponibilidade à compreensão, à tolerância, ao perdão, à reconciliação. Nenhuma família ignora como o egoísmo, o desacordo, as tensões, os conflitos agridem, de forma violenta e às vezes mortal, a comunhão: daqui as múltiplas e variadas formas de divisão da vida familiar».* (AL, 106)

É neste sentido que o sacramento do Matrimónio ganha valor fundamental. *“[No sacramento do matrimónio] os esposos imploram a Aquele a graça de lhe conceder a capacidade de amar o outro pelo que ele é, tendo como fim o perdão.”* (Scola, 65) Conscientes da dificuldade que

significa perdoar verdadeiramente e caminhar no sentido de uma reconciliação real, é na força da graça divina que os esposos vão encontrar a capacidade interior de se libertar das mágoas que os dilaceram e abraçar uma nova caminhada a dois, livres das trevas do rancor.

Perante as provações, as famílias devem tentar compreender e aprender a tolerar o erro, procurando ultrapassá-lo, resolvê-lo e crescer por meio dele. Contudo, a tendência é inversa. Em vez de tentar resolver a situação de dor, muitas vezes os casais e as famílias em geral, tendem a procurar culpados, exacerbar a ofensa e deixar o ressentimento entrar e cuidar do seu coração, minando-o por completo. *“Deste modo, qualquer erro ou queda do cônjuge pode danificar o vínculo de amor e a estabilidade familiar. O problema é que, às vezes, atribui-se a tudo a mesma gravidade, com o risco de tornar-se cruel perante qualquer erro do outro. A justa reivindicação dos próprios direitos torna-se mais uma persistente e constante sede de vingança do que uma sã defesa da própria dignidade.”* (AL 105)

Na *Amoris Laetitia*, o Papa Francisco aponta para diversas crises que é comum os casais enfrentarem, desde a adaptação à vida a dois; a aprendizagem em situações novas como a chegada dos filhos e a própria partida dos mesmos em adultos; a velhice... A estas crises vêm juntar-se as crises pessoais, que inevitavelmente afetam o casal. Muitas circunstâncias agudizam estas crises, como as dificuldades económicas, laborais, sociais, afetivas e espirituais. Todas estas circunstâncias exigem *“um caminho de perdão e Reconciliação”* (AL 236). Este perdão deve partir de ambos, que devem começar por se questionar humildemente sobre o seu contributo para aquela situação, ou pelo menos para que a mesma não fosse evitada. *“Saber perdoar e sentir-se perdoado é uma experiência fundamental na vida familiar».* (Relatio Synodi, 2014, 44) *«A fadigosa arte da reconciliação, que requer o apoio da graça, precisa da generosa colaboração de parentes e amigos, e, eventualmente, até duma ajuda externa e profissional».* (Relatio Finalis 2015, 8) (AL, 236) *“A verdade do matrimónio é dada por um amor efetivo, não apenas afetivo.”* (Scola, 65) Nesta consciência de que, mais que um sentimento, o amor conjugal deve ser uma tarefa, um trabalho de construção diário, os casais que encontram o caminho da reconciliação *“reconhecem que cada crise é como um novo «sim» que torna possível o*

amor renascer reforçado, transfigurado, amadurecido, iluminado. A partir de uma crise, tem-se a coragem de buscar as raízes profundas do que está a suceder, de voltar a negociar os acordos fundamentais, de encontrar um novo equilíbrio e de percorrer juntos uma nova etapa.” (AL, 238)

A reconciliação deve partir de um perdão completo, profundo e verdadeiro. Assim, o primeiro passo deve ser dado no sentido do olhar interior, da busca da sua própria compreensão e a percepção de que também se erra e saber perdoar essa nossa fragilidade. Sem essa capacidade de nos apaziguarmos, a tendência é procurar assumir o nosso lugar pelo menosprezo dos outros, a quem vamos castigar por ofenderem como nós próprios ofendemos. Se a família não aprender a perdoar gratuitamente, se não enveredar pelo caminho da misericórdia, da reconciliação e da compreensão, *“a nossa vida em família deixará de ser um lugar de compreensão, companhia e incentivo, e tornar-se-á um espaço de permanente tensão ou de castigo mútuo” (AL108)*. Devemos agir de acordo com a misericórdia divina. Deus, pelo Seu Filho, ensina-nos o expoente máximo da reconciliação, ao perdoar-nos de tanta ofensa cometida. Contudo, e tal como já foi exposto anteriormente, este perdão e esta reconciliação não significam a tolerância do pecado. O objetivo é sempre a conversão do pecador, a busca da justiça. *“Qualquer ato de perdão ou de misericórdia não se pode entender senão com a intenção de reparar pela graça da reconciliação, a justiça perdida”*.(Perez- Soba et Kampowsky, 56)

Conclusão

Ao longo desta odisséia de descoberta de mim enquanto professora, percebi que também me fui redescobrendo enquanto esposa e enquanto mãe. Esta caminhada que trilhei “de braço dado” com o Papa Francisco, através da exploração da Exortação *Amoris Laetitia* deu-me a oportunidade de crescer enquanto docente, que terei de tratar o tema da família, ciente dos desafios e das armadilhas que esta unidade me possa reservar; mas também enquanto membro de uma família que tem as suas feridas e que necessita tanto de reconciliação quanto qualquer outra.

Marciano Vidal resume, de forma bastante clara e sucinta, a noção que ganhei com este trabalho: *“A família atual posmoderna é uma instituição frágil. Mas, quem sabe por isso mesmo, é uma instituição com grandes funcionalidades para a felicidade das pessoas e para o bem estar da sociedade. O que na família atual parece «debilidade» (...) converte-se na sua «força» (...).”* (Vidal, 18)²

Com a *Amoris Laetitia* percebemos como a família humana se encontra ferida, dolorida com investidas impiedosas de uma sociedade que se transforma e que procura cada vez mais a satisfação individual, a autonomia e a independência a todo o custo. Compreendemos os riscos de um relativizar constante dos laços familiares, o pluralizar das relações, a fragilidade das uniões e a vulnerabilidade do seio familiar, que deveria ser visto como porto de abrigo, como lugar seguro, como forte sólido onde as crianças e os jovens se reencontrassem e se tranquilizassem ao final de cada dia. São imensas as feridas que afetam a família: o individualismo, o materialismo, a inconstância e a precaridade laborais, a violência e a agressividade, a impaciência, a cultura do provisório e a relativização dos

² *La familia actual posmoderna es una institución frágil. Pero, quizás por eso mismo, es una institución con grandes funcionalidades para la felicidad de las personas y para el bienestar de la sociedad. Lo que en la familia actual parece «debilidad» (y lo es así si se lo mira desde un interés institucionalizador) se convierte en su «fuerza» (y lo es así si se lo mira desde el interés de las personas). La familia actual posmoderna es una institución frágil. Pero, quizás por eso mismo, es una institución con grandes funcionalidades para la felicidad de las personas y para el bienestar de la sociedad. Lo que en la familia actual parece «debilidad» (y lo es así si se lo mira desde un interés institucionalizador) se convierte en su «fuerza» (y lo es así si se lo mira desde el interés de las personas).*

laços... e as sequelas e cicatrizes que vão deixando em cada um, afetam-no até ao final da sua vida.

Contudo, com o Papa Francisco percebemos, também, que há, ainda, uma grande luz no horizonte, uma réstia de esperança que toma forma nos casais que vão sendo modelo de vida familiar. Estes modelos familiares não são imunes de feridas, nem tão pouco ausentes de erros e de faltas. Contudo, estas famílias são aquelas que encontraram o caminho da reconciliação, através do perdão verdadeiro e profundo, não só do outro, mas de si próprios. A caminhada de cada casal e de cada família em geral é cheia de pedras, de crises e de desafios, apenas ultrapassáveis através de uma entrega ao outro, à felicidade do outro e da sua realização. Isto passa pela sua aceitação e pela tolerância relativamente às suas fraquezas e fragilidades. Perdoando-se mutuamente, o casal caminha no sentido da perfeição, numa reconciliação diária que os faz dormir a cada dia mais fortes e unidos que acordaram nessa manhã.

Um desafio fácil? Nem pensar! Todavia, vale a pena tentar...

**Prática Letiva:
Uma proposta de
abordagem da UL3
do 5º ano: A
Família,
Comunidade de
Amor**

I. Caracterização da Turma

Ao longo deste ano letivo coube-me o privilégio de trabalhar juntamente com a turma C do 5º ano da escola D. António Ferreira Gomes, de Ermesinde. Esta é uma turma composta por 25 alunos, dos quais 18 encontram-se inscritos na disciplina de E.M.R.C. e é sobre os quais que incidirá a caracterização que a seguir se apresenta, uma vez que é para os mesmos que será ajustado o currículo, as estratégias e as atividades. Dos 18 alunos inscritos, 10 são do sexo feminino e 8 do sexo masculino e apresentam idades entre os 9 e os 13 anos, sendo que a média das mesmas se situa nos 10 anos. Assim, em termos etários e de paridade esta é uma turma equilibrada e dentro do regular para o nível.

Caracterizar o grupo turma terá de passar, antes de mais, por um olhar genérico pelo contexto socio-económico e cultural no qual se insere a escola e consequentemente, no qual se integram os nossos alunos. A escola D. António Ferreira Gomes (DAFG) situa-se em Ermesinde, junto ao apeadeiro de Travagem. Ermesinde é uma cidade que cresceu como resultado da descentralização relativamente ao Porto, tornando-se uma zona industrializada e bastante populada (com mais de 50000 habitantes em pouco mais de 7 km²). É notória uma crescente urbanização que gerou grandes contrastes quer ao nível paisagístico (onde abunda o cimento mas também o verde), quer ao nível socio-económico. As maiores fontes de rendimento assentam na indústria; na agricultura; no comércio; na construção civil e nos serviços. (cf Projeto Educativo DAFG 2008/2011).

O contexto social encontrado na DAFG denota limitações económicas que poderão ser comprovadas pela significativa percentagem de alunos abrangidos pelo apoio da Ação Social Escolar, que ascende acima dos 50% da totalidade dos alunos a frequentar o estabelecimento. Na realidade, falamos de 180 alunos a beneficiar de Escalão A e 75 de Escalão B, num universo total de 433 alunos. Grande parte dos alunos que frequentam o estabelecimento são provenientes de dois bairros sociais – Bela e Sampaio – onde convivem com problemas de álcool e drogas.

No caso particular do 5^oC, o cenário socio-económico não parece divergir substancialmente do geral. Ne facto, 50% dos alunos beneficiam de Apoio Social Escolar; 8 ao nível do Escalão A e 1 ao nível do Escalão B. Ao nível cultural, os dados relativos às habilitações académicas dos pais e encarregados de educação deixam transparecer alguma simplicidade e até pobreza, com um índice elevado de elementos com escolaridade ao nível do 9^o, 6^o e até 4^o anos. Apenas 5 progenitores apresentam habilitações ao nível superior e 9 ao nível do 12^o ano. Esta baixa escolaridade reflete-se nos trabalhos precários e/ou mal remunerados que variam entre os serviços, técnicos, construção, trabalhos domésticos, comércio e trabalhos especializados e apenas 5 casos. De destacar, ainda, a alta incidência de situação de desempregados, que atinge o agregado familiar de seis alunos, alguns por parte de ambos os progenitores. Poder-se-à concluir que estamos perante uma turma com dificuldades ao nível socio-económico, vividas desde o seio familiar.

De notar, contudo, que o que poderia ser visto como uma situação potenciadora de limitações à aprendizagem ou à motivação perante a escola não parece ser uma realidade tão negativa assim. Tendo em atenção as respostas dadas pelos alunos nas fichas biográficas preenchidas nas aulas de acolhimento, estes apresentam expectativas diversas mas não necessariamente baixas relativamente à sua escolaridade, tendo em conta a profissão que ambicionam para o seu futuro (ama; biólogo; vendedora; decoradora; piloto; educadora; cantora; professora; esteticista; futebolista; médico; arquiteta; estilista). De facto, a conclusão que se retira é que não se vêem muito retratados nas situações laborais ou académicas dos seus progenitores, almejando algo mais para si. Todos, com exceção de uma aluna, referiram gostar da escola, uma maioria pelo gosto pelo estudo e curiosidade pela aprendizagem; e uma parcela também pelo convívio com os amigos. De uma forma ou de outra, todos revelaram sentir a escola como um espaço confortável para si, um meio onde se sentem bem e propício às suas descobertas.

Relativamente às suas expectativas no que se refere à disciplina de EMRC especificamente, denota-se alguma confusão a ser desconstruída. Estes são alunos que nunca frequentaram a disciplina e, talvez por esse

motivo, revelam alguns conceitos errados, manifestando sempre o receio de serem tratados assuntos de catequese nas aulas.

A turma manifestou-se participativa, espontânea, empenhada e interessada. Os alunos são curiosos e perspicazes, características que deverão ser aproveitadas e potenciadas ao máximo. São, também, agitados o que poderá exigir um maior esforço de disciplina. Contudo, destaco a mais valia da sala única atribuída à disciplina de E.M.R.C., que permite alterações necessárias na sua disposição, procedendo a trocas de lugares que apoiem a concentração e o trabalho dos alunos, bem como a exposição dos trabalhos realizados e a sua continuidade ao longo do ano.

II. Gestão do Currículo

II.I. Planificação Anual e por Período

O programa de EMRC previsto para o 5º ano, subdivide-se em quatro unidades letivas, a saber:

1. Viver Juntos
2. Advento e Natal
3. FAMÍLIA, comunidade de Amor
4. Construir a Fraternidade

Sendo esta uma turma de 5º ano, da qual não possuía conhecimentos relevantes, por ser um grupo de início de ciclo, novo na escola, optei por planificar 4 aulas de *Acolhimento*, nas quais pude estabelecer alguma ligação com a turma, obter informações que considero importantes para as opções curriculares a tomar, acolher os alunos e transmitir-lhes um pouco daquela que é a identidade da disciplina. Ao longo destas aulas os alunos fizeram a sua apresentação, preencheram as fichas biográficas, tomaram conhecimento das regras básicas de funcionamento e perceberam a distinção entre a EMRC e a Catequese.

Feito este acolhimento, senti que fazia sentido manter a ordem proposta pelo Programa Nacional. Olhando os temas verifica-se algum sentido sequencial, um ganho das alterações programáticas de 2014. Considero que apenas a Unidade Letiva 2 – Advento e Natal, encontra-se pouco contextualizada em termos temáticos, mas que acaba por fazer sentido em termos cronológicos, sendo lecionada na época em que se celebra o Natal Cristão.

A Unidade Letiva 1 faz todo o sentido no início do ano, numa altura em que os alunos entram numa nova escola, conhecem novos amigos e integram novos grupos. É uma unidade que os apoia na criação de sentido de grupo na nova turma, na adaptação à nova realidade e na aquisição de conceitos relevantes relacionados com a convivência grupal. São, também, trabalhados aspetos de uma antropologia social relacionados com uma

moral de conduta de agir humana, através do reforço das regras e dos regulamentos. Estes conteúdos didáticos tornam-se bastante pertinentes, principalmente pelo facto dos mesmos surgirem no início de um ano letivo e de não se limitarem à disciplina de EMRC.

A segunda Unidade Letiva fará sentido, por uma questão cronológica, logo a seguir à primeira, sendo lecionada aquando da vivência do Natal. Optarei por uma abordagem mais breve, focando aspetos científicos que me pareçam desconhecidos aos alunos (simbologia, significancia, história...). Será dado destaque à figura da Sagrada Família, quer pela simbologia cristã, quer pela ligação ao concurso de Presépios previsto no PAA, quer como ligação à temática seguinte.

A terceira Unidade Letiva – Família, Comunidade de Amor, encontra aqui uma ligação natural às unidades anteriores por ser a célula básica da sociedade, primeiro grupo em que o homem se insere, e pela ligação à importância dada à Família pelos cristãos na vivência do Natal. A fundamentação mais aprofundada para a importância desta Unidade consta do capítulo 1 deste relatório.

O último tema abordado acaba por fazer a ligação de todos os restantes, fazendo a união entre a Família e a Comunidade através da Fraternidade. São abordados aqui conceitos fundantes da formação social do ser humano como o de igualdade, fraternidade, mal moral... Considero este um bom tema para concluir o 5º ano, dando o mote para no 6º se iniciar o estudo do ser humano enquanto indivíduo.

Importa apenas referir que, todos os temas fazem, na minha opinião, sentido, contudo tiveram de ser estudados, trabalhados e adaptados às necessidades e as características específicas dos alunos, tendo sido feita uma opção pelos conteúdos mais relevantes, de acordo com as metas previstas.

Planificação Anual E.M.R.C.

5º Ano, turma C

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Avaliação	Aulas	Período
Acolhimento						
<p>N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.</p> <p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Conhecer a situação de mudança; ▪ Contactar com a diversidade e reforçar as noções de respeito e tolerância; ▪ Valorizar a união do grupo/ turma ▪ Relembrar as regras de sala de aula; ▪ Reconhecer a identidade da disciplina de EMRC ▪ Compreender os critérios de avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Conhecimento interpessoal ▪ Diagnose ▪ Regresso à Escola – desafios e expectativas ▪ As diferenças dentro de um grupo enquanto fator de enriquecimento ▪ A importância da união grupal ▪ As regras de convivência em grupo: <ul style="list-style-type: none"> ○ Regras de sala de aula; ○ Respeito pelo outro; ○ Saber ouvir e acolher; ○ ... 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Dinâmica do novo ▪ Exploração de PowerPoints ▪ Elaboração de esquemas no quadro ▪ Diálogo (partilha de ideias) 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Observação: <ul style="list-style-type: none"> - participação - empenho - comportamento - registos no quadro/ caderno 	4	1º



Agrupamento de Escolas de Ermesinde
Escola Básica 2, 3 António Ferreira Gomes
EMRC



	da disciplina	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apresentação da disciplina: <ul style="list-style-type: none"> ○ Critérios de avaliação ○ Programa ○ E.M.R.C. ≠ Catequese 				
Viver Juntos						
<p>N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.</p> <p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo</p> <p>F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas</p> <p>M. Reconhecer a</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Valorizar a mudança como condição do crescimento humano. ▪ Reconher a dimensão social do ser humano. ▪ Valorizar a diversidade dos membros de um grupo como um fator de enriquecimento. ▪ Reconhecer a importância da união do grupo. ▪ Ver em S. Martinho um exemplo de cooperação e entrega ao próximo. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A mudança ▪ Os grupos a que pertencço ▪ A importância dos consensos ▪ A importância da existência de regulamentos/ regras ▪ A história de S. Martinho – um homem que viveu para o outro ▪ As regras no Povo de Deus <ul style="list-style-type: none"> ○ Aliança 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Leitura e interpretação de textos (bíblicos e não bíblicos) ▪ Visualização/ exploração de PowerPoints ▪ Elaboração de paineis/ cartazes ▪ Discussão de ideias 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Observação: <ul style="list-style-type: none"> - participação - empenho - comportamento - registos no quadro/ caderno ▪ Trabalhos de aula ▪ Questões de aula ▪ Ficha de avaliação 	6	1º

<p>proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Interpretar textos bíblicos sobre a aliança. ▪ Reconhecer a mensagem bíblica sobre a aliança, e descobrir a sua implicação na vida quotidiana. ▪ Valorizar a aliança como condição facilitadora da relação entre as partes. 	<ul style="list-style-type: none"> o Fidelidade 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Exploração vídeos (filme “O bom Pastor”) 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Trabalho de projeto 		
Advento e Natal						
<p>A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.</p> <p>E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Compreender o sentido do Advento. ▪ Reconhecer em Jesus a Nova Aliança de Deus com a Humanidade. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O significado do Advento. ▪ O nascimento de Jesus: importância e consequências para a humanidade. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Discussão de ideias ▪ Análise de imagens ▪ Exploração de PowerPoints 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Observação: <ul style="list-style-type: none"> - participação - empenho - comportamento - registos no quadro/ caderno ▪ Trabalhos de aula 	4	1º/ 2º



Agrupamento de Escolas de Ermesinde
Escola Básica 2, 3 António Ferreira Gomes
EMRC



<p>catolicismo</p> <p>G. Identificar os valores evangélicos.</p> <p>J. Descobrir a simbólica cristã.</p> <p>N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.</p> <p>R. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Conhecer a situação histórica do nascimento de Jesus. ▪ Descobrir os valores que sustentam o Natal. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Os símbolos do Natal ▪ O verdadeiro Espírito do Natal ▪ Os Reis Magos: história, simbologia e importância na história do Natal 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Visualização de filme "A história do Natal" ▪ Elaboração de materiais diversos 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Questões de aula ▪ Trabalho de projeto 		
FAMILIA, Comunidade de Amor						
<p>F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Compreender o conceito de FAMILIA; ▪ Identificar diferentes 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ FAMILIA: conceito ▪ Tipologias de FAMILIAS: 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Leitura e interpretação de textos (bíblicos e 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Observação: <ul style="list-style-type: none"> - participação - empenho - comportamento 	8	2º

<p>G. Identificar os valores evangélicos.</p> <p>N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.</p> <p>M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.</p> <p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo</p> <p>P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.</p>	<p>tipos de FAMILIA;</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Reconhecer as diferentes funções da FAMILIA. ▪ Identificar o projeto de Deus para a FAMILIA. ▪ Reconhecer as funções 	<p>FAMÍLIAalargada/nuclear; FAMÍLIAtradicional/monoparental; consanguinidade/adoção; casais com/sem filhos; crianças educadas pelos avós ou por outros membros familiares...</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Função humanizadora da FAMILIA: <ul style="list-style-type: none"> ○ Origem da vida humana e espaço onde se educa e cresce no amor ○ Crescimento pessoal, através do afeto, da presença do modelo masculino/feminino, de um clima de confiança, de intimidade, de respeito e liberdade ▪ A FAMÍLIAaos olhos dos cristãos: <ul style="list-style-type: none"> ○ Projeto de Deus ▪ Funções dos diferentes membros 	<p>não bíblicos)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Exploração de PowerPoints ▪ Discussão de ideias ▪ Elaboração de materiais diversos ▪ Exploração de áudio-visuais 	<p>- registos no quadro/ caderno</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Trabalhos de aula ▪ Questões de aula ▪ Ficha de avaliação ▪ Trabalho de projeto 		
---	---	---	--	---	--	--



Agrupamento de Escolas de Ermesinde
Escola Básica 2, 3 António Ferreira Gomes
EMRC



	<p>dos diferentes membros da FAMÍLIA.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Promover os valores do amor, fidelidade, união, respeito e interajuda, na vida familiar. ▪ Valorizar a participação de todos na vida em FAMÍLIA. 	<p>da FAMÍLIA: função socializadora e educativa, afetividade, dotação das condições materiais em ordem ao bem-estar, autoridade e orientação...</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Valores para a vivência da vida familiar: <ul style="list-style-type: none"> ○ Cada elemento é sujeito ativo e participante na formação dos outros e de si próprio ○ A participação de cada um rege-se por valores democráticos e não autoritários, com apelo à corresponsabilidade ▪ O lugar dos mais velhos na FAMÍLIA 				
Construir a Fraternidade						
<p>G. Identificar os valores evangélicos.</p>		<ul style="list-style-type: none"> ▪ O significado da palavra «fraternidade»; 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Leitura e 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Observação: - participação 	9	3º

<p>N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.</p> <p>M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.</p> <p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo</p> <p>Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Reconhecer a igual dignidade de todo o ser humano. ▪ Compreender a convicção cristã da comum filiação divina. ▪ Reconhecer como um modelo de vida a forma de viver das primeiras comunidades cristãs. ▪ Verificar quais são as fragilidades e ameaças 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem comum: <ul style="list-style-type: none"> - Todos somos seres humanos; - Todos somos dotados de razão e consciência (DUDH, Artigo I); - Somos todos habitantes da mesma casa: o universo e a Terra são o nosso lar. ▪ A fraternidade no cristianismo: <ul style="list-style-type: none"> o Deus: Pai comum de todas as criaturas; o O amor universal de Deus; o A vida em comunidade dos primeiros cristãos; o A importância da comunhão/união; ▪ O mal: as fragilidades e ameaças à fraternidade, tudo o que vai contra a dignidade e a felicidade da pessoa: 	<p>interpretação de textos (bíblicos e não bíblicos)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Exploração de PowerPoints ▪ Discussão de ideias ▪ Exploração de áudio-visuais ▪ Produção de materiais diversos 	<ul style="list-style-type: none"> - empenho - comportamento - registos no quadro/ caderno ▪ Trabalhos de aula ▪ Questões de aula ▪ Ficha de avaliação ▪ Trabalho de projeto 		
--	--	--	--	---	--	--



Agrupamento de Escolas de Ermesinde
Escola Básica 2, 3 António Ferreira Gomes
EMRC



	<p>à fraternidade.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Promover o valor do perdão na construção quotidiana de um mundo fraterno. ▪ Comprometer-se com a construção de um 	<ul style="list-style-type: none"> - Mentir; - Pensar mal do outro; - Desejar mal ao outro; - O conflito e a violência; - A maledicência; - O egoísmo; - A inveja. <ul style="list-style-type: none"> ▪ Construir um mundo fraterno promovendo a concórdia nas relações interpessoais: <ul style="list-style-type: none"> - Aceitar os erros (a revisão de vida); - Estar disposto a pedir perdão; - Aceitar os outros, apesar dos seus erros; - Ser capaz de perdoar; - Aceitar ser perdoado; ▪ A mensagem cristã sobre o perdão 				
--	---	--	--	--	--	--

	<p>mundo mais fraterno promovendo o bem comum e o cuidado do outro.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A regra de ouro: agir com o outro como gostaríamos que agissem connosco; - Como posso promover o bem comum e o cuidado do outro. 				
--	---	--	--	--	--	--

Nota: Uma aula por período será dedicada à auto e hetero-avaliação.

II.II Sequência do processo de ensino-aprendizagem

Para a abordagem do tema da Família, optei pela divisão da Unidade Letiva em **cinco aulas de lecionação de conteúdos**, mais **duas aulas de avaliação**: uma de realização da ficha de avaliação de conhecimentos e outra para a sua correção e análise de resultados/ remediação.

Tendo analisado com cuidado os conteúdos presentes no programa de EMRC, e de acordo com o exposto na fundamentação anteriormente descrita em 3.2., bem como tendo em mente a turma com a qual iria trabalhar, pareceu-me pertinente dar destaque aos seguintes aspetos:

- ↳ Conceito de FAMILIA
- ↳ Tipologias familiares
- ↳ Funções da FAMILIA
- ↳ Caráter humano da FAMILIA: falhas e consequências das mesmas
- ↳ Responsabilidades e caráter ativo de todos dentro da FAMILIA
- ↳ Perspetiva cristã sobre a FAMILIA

Desta forma, resultaram as seguintes planificações de Unidade/ Médio-Prazo e de Aula, respetivamente.

Nota: A aula 15 é apresentada apenas a fim de dar a conhecer a sequência e introdução da unidade, que é iniciada, de facto, na aula 16.

Planificação Médio-Prazo

UL3 – FAMILIA

Contextualização:

A Unidade Letiva 3 – FAMILIA, Comunidade de amor, surge seguida da unidade dedicada ao Advento e Natal. Consegue-se aqui uma sequência, seguindo o sentido cristão do Natal, pela importância dada à vivência familiar da quadra e, ainda, pela simbologia da Sagrada FAMILIA no Presépio. Este é um tema pertinente pela importância do papel desempenhado pela FAMILIA na vida quotidiana das crianças e pelas alterações a que tem sido sujeita nos últimos tempos. Serão focados aspetos científicos, partindo muito do método hermenêutico-experencial dos alunos, de forma a criar sempre identificação e sentido de realidade nos mesmos.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Avaliação	Aula	Período
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo	<ul style="list-style-type: none"> Compreender o conceito de FAMILIA; 	<ul style="list-style-type: none"> FAMILIA: conceito 	<ul style="list-style-type: none"> Apresentação trabalhos Exploração de PowerPoint 	<ul style="list-style-type: none"> Observação: <ul style="list-style-type: none"> - participação - empenho - comportamento - registos no quadro/ caderno 	16	2º
	<ul style="list-style-type: none"> Identificar diferentes 	<ul style="list-style-type: none"> Tipologias de FAMILIAS: FAMILIA alargada/nuclear; FAMILIA tradicional/monoparental; 	<ul style="list-style-type: none"> Exploração de PowerPoint Discussão de 	<ul style="list-style-type: none"> Observação: <ul style="list-style-type: none"> - participação - empenho 	17	



Agrupamento de Escolas de Ermesinde
Escola Básica 2, 3 António Ferreira Gomes
EMRC



	tipos de FAMILIA;	consanguinidade/adoção; casais com/sem filhos; crianças educadas pelos avós ou por outros membros familiares...	ideias	- comportamento - registos no quadro/ caderno	
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Reconhecer as diferentes funções da FAMILIA. ▪ Identificar o projeto de Deus para a FAMILIA. ▪ Reconhecer o valor da FAMILIA 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Funções da FAMILIA: <ul style="list-style-type: none"> ○ Transmissão de vida ○ Preparação para a vida em sociedades ○ Desenvolvimento harmonioso dos seus membros (através do equilíbrio entre autoridade e afeto) ○ Educação ○ Transmissão de valores ○ Descoberta da afetividade do indivíduo ○ Proteção ○ interajuda 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Discussão de ideias ▪ Leitura e exploração do manual ▪ Elaboração de um painel 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Observação: <ul style="list-style-type: none"> - participação - empenho - comportamento - registos no quadro/ caderno 	18
M. Reconhecer a	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Reconhecer as consequências inerentes ao não 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Consequências da falha da FAMILIA (incumprimento das suas funções) ▪ O carácter humano da FAMILIA: imperfeição 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Exploração do filme "Era uma vez uma FAMILIA" 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Observação: <ul style="list-style-type: none"> - participação - empenho - comportamento 	19/ 20



Agrupamento de Escolas de Ermesinde
Escola Básica 2, 3 António Ferreira Gomes
EMRC



<p>proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano</p> <p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo</p> <p>P. Identificar o fundamento da moral cristã.</p>	<p>cumprimentos da função da FAMILIA</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Perceber o gerar de atitudes negativas/ positivas por imitação ▪ Compreender o valor do matrimónio na perspetiva cristã ▪ Reconhecer o carácter humano da FAMILIA ▪ Reconhecer o lugar ativo de 	<p>vs capacidade de aprender e melhorar.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ O valor do matrimónio na perspetiva cristã ▪ O lugar e a responsabilidade de cada um no espaço familiar. 		<p>- registos no quadro/ caderno</p>		
--	---	--	--	--------------------------------------	--	--



Agrupamento de Escolas de Ermesinde
Escola Básica 2, 3 António Ferreira Gomes
EMRC



	cada um na FAMILIA					
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Avaliar formativa e sumativamente as aprendizagens dos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Avaliação de conhecimentos <ul style="list-style-type: none"> ○ Conceito de FAMILIA ○ Tipologias familiares ○ Funções da FAMILIA ○ Quando a FAMILIA falha 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Resolução de uma ficha de avaliação de conhecimentos 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Observação: <ul style="list-style-type: none"> - empenho - comportamento ▪ Resolução da ficha de avaliação 	21	
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Corrigir e consolidar aprendizagens 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Entrega e correção da ficha de avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Registo no quadro ▪ Projeção multimédia 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Observação: <ul style="list-style-type: none"> - participação - empenho - comportamento - registos no quadro/ caderno 	22	

Ano 5º

Unidade Letiva II – Advento e Natal


Lição nº 15

Sumário: Os símbolos do Natal: significado.

Introdução à UL3 – A FAMÍLIA.

Objetivo(s) Geral(ais):

- ↪ Compreender o significado dos principais símbolos do Natal;
- ↪ Introduzir ao UL3 – A FAMÍLIA.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias/ Atividades		Recursos	Avaliação Formativa
<p>F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas</p> <p>J. Descobrir a simbólica cristã</p> <p>L. Estabelecer um diálogo entre a</p>			<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento dos alunos na sala de aula; - Chamada, marcação de faltas dos alunos e verificação das assinaturas das fichas de avaliação pelos Encarregados de Educação; - Registo do sumário e síntese da aula anterior e abertura da lição da presente aula. - Diálogo com os alunos – símbolos de Natal: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Os alunos recordam os assuntos tratados na 	<p>3'</p> <p>2'</p> <p>5'</p>	<p>Quadro</p> <p>Giz</p>	

	<p>- consolidar e esquematizar conteúdos;</p>	<p>- A FAMÍLIA: ▪ Relação presépio - FAMÍLIA</p>	<p>principal símbolo). Conforme vão escolhendo os símbolos, toda a turma deve refletir e partilhar qual o significado que atribuem a esse símbolo. Por fim, é apresentada a explicação do mesmo.</p> <p>- Ficha de trabalho “símbolos de Natal” (anexo 2).</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ De forma a consolidar conhecimentos, esquematizar a informação e ficar com o registo dos conteúdos, os alunos resolvem uma ficha de trabalho, na qual terão de ligar os símbolos de Natal à imagem correspondente. ▪ Os alunos são convidados a colorir as imagens em casa. Não sendo obrigatória, esta estratégia pretende estimular a revisão de conteúdos ao longo da semana. <p>- Introdução ao tema “FAMÍLIA”:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Os alunos destacam o símbolo principal do Natal. São inquiridos sobre os personagens 	<p>5'</p>	<p>Ficha de trabalho <i>Símbolos de Natal</i></p>	
--	---	--	--	-----------	---	--



Agrupamento de Escolas de Ermesinde
Escola Básica 2, 3 António Ferreira Gomes
EMRC



	<p>- compreender o presépio como a representação da FAMILIA cristã;</p> <p>- Reconhecer a diversidade dentro do conceito "FAMILIA"</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Todas as FAMILIAS são diferentes 	<p>imprescindíveis neste símbolo e o que representam na relação uns com os outros. Os alunos devem chegar à conclusão de que o presépio é uma representação de uma imagem de uma FAMILIA, a Sagrada FAMILIA, constituída por Maria, José e Jesus.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Os alunos são questionados sobre a sua própria FAMILIA: "Quando pensas em FAMILIA, quem surge na tua mente?". Depois de alguma partilha, a professora mostra uma fotografia da sua própria FAMILIA (pais, irmãos, marido, filhos, cunhados e sobrinhos) (anexo 3). Esta descreve a imagem, revelando que estas pessoas, de facto, são a sua FAMILIA nuclear (mais próxima). Destaca o facto de incluir pessoas unidas por consanguinidade, por laços matrimoniais e simplesmente por afetividade (adoção). Revela, depois, que para aquela imagem estar completa 	<p>5'</p> <p>10'</p>	<p>PowerPoint</p> <p><i>Fotografia da minha FAMILIA</i></p>	
--	--	--	--	----------------------	---	--



Agrupamento de Escolas de Ermesinde
Escola Básica 2, 3 António Ferreira Gomes
EMRC



			<p>enquanto sua FAMILIA, teria de incluir mais algumas pessoas como os sogros, tios, primos... a fotografia é, então, enriquecida com algumas imagens que representam todas essas pessoas que, mesmo menos próximas, fazem parte da FAMILIA. Desta forma pretende-se mostrar aos alunos a diversidade de laços que se pode encontrar dentro da FAMILIA.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Para que os alunos possam verificar como todas as FAMILIAS são diferentes, é-lhes solicitado que, como trabalho de casa, façam uma representação da sua própria FAMILIA. Para tal poderão recorrer a fotografias, montagens ou apenas desenho. Contudo, esta representação deverá contemplar todas as pessoas que cada aluno considere ser parte da sua FAMILIA próxima. Estes trabalhos serão apresentados na aula seguinte. 			
--	--	--	---	--	--	--



Agrupamento de Escolas de Ermesinde
Escola Básica 2, 3 António Ferreira Gomes
EMRC




Ano 5º

Unidade Letiva III – FAMILIA

Lição nº 16

Sumário: Todas as FAMILIAS são diferentes: apresentação da sua FAMILIA pelos alunos.

Conceito de FAMILIA.

Objetivo(s) Geral(ais):						
<ul style="list-style-type: none"> ↳ Compreender a diversidade dentro do conceito de FAMILIA; ↳ Conhecer o conceito genérico e abrangente de FAMILIA. 						
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias/ Atividades		Recursos	Avaliação Formativa
<p>O: Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p>	<p>- Reconhecer a</p>	<p>▪ Todas as FAMILIAS são</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento dos alunos na sala de aula; - Chamada, marcação de faltas dos alunos e verificação das assinaturas das fichas de avaliação pelos Encarregados de Educação; - Registo do sumário e síntese da aula anterior e abertura da lição da presente aula. - Apresentação dos trabalhos de casa – a minha FAMILIA: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Os alunos, por ordem de disposição de 	<p>3'</p> <p>2'</p> <p>5'</p>	<p>Quadro</p> <p>Giz</p>	



Agrupamento de Escolas de Ermesinde
Escola Básica 2, 3 António Ferreira Gomes
EMRC



	<p>diversidade dentro do conceito "FAMILIA"</p> <p>- Reconhecer a dificuldade em definir <i>FAMILIA</i></p> <p>- Identificar alguns</p>	<p>diferentes</p> <p>- conceito de FAMILIA:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Principais características 	<p>lugares, apresentam o desenho/ imagem que realizaram em casa, com a representação da sua FAMILIA. Estes são informados de que têm um minuto para o fazer, devendo, apenas, esclarecer as pessoas que contemplaram. As imagens vão sendo afixadas no quadro, para que se possa verificar a diferença que existe entre as mesmas.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ No final das apresentações, os alunos são chamados à atenção para a diversidade presente nas imagens, devendo ficar clara a ideia de que todas as FAMILIAS são diferentes, não devendo ser qualificadas como melhores ou piores. <p><i>Nota: Caso os alunos não tenham feito o trabalho de casa, ou apenas um número reduzido o presente; esta atividade é substituída pela atividade complementar, durante a apresentação do PowerPoint.</i></p> <p>- PowerPoint "FAMILIA" (anexo1)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Depois da partilha de ideias, os alunos são 	<p>20'</p>	<p>Bostik</p>	<p>Observação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - participação - empenho - comportamento - trabalho de casa: • Empenho revelado na realização do mesmo • apresentação
--	---	--	---	------------	---------------	---

	<p>aspectos que ajudam a delimitar o conceito de <i>FAMILIA</i></p> <p>- Compreender o conceito genérico de <i>FAMILIA</i></p>		<p>questionados quanto ao conceito de <i>FAMILIA</i>: “Se estes desenhos são tão diferentes, o que é, afinal, uma <i>FAMILIA</i>?”. É dado aos alunos algum tempo para partilharem as suas ideias (cerca de 2 minutos).</p> <ul style="list-style-type: none"> É apresentado um PowerPoint onde constam diferentes definições de <i>FAMILIA</i>. Mais uma vez, os alunos são chamados a refletir sobre a definição que eles consideram que mais se adequa ao conceito de <i>FAMILIA</i> que estamos a tratar. <p><i>Atividade complementar: Os alunos lêem e exploram a informação das páginas 66 e 67 do manual, referente ao conceito de <i>FAMILIA</i>. Esta exploração é feita em formato de plenário. Tendo em consideração o facto de nem todos os alunos terem manual, estas páginas serão projetadas.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> O PowerPoint avança, depois, com alguns aspetos fundamentais que devem existir dentro de um grupo para que se possa chamar de <i>FAMILIA</i> – inter-ajuda; solidariedade; 	<p>3’</p> <p>5’</p> <p>15’/20’</p> <p>10’</p>	<p>Computador</p> <p>Projetor</p> <p>Multimédia</p> <p>PowerPoint <i>FAMILIA</i></p> <p>Manual (papel e digital)</p>	
--	--	--	---	---	--	--



Agrupamento de Escolas de Ermesinde
Escola Básica 2, 3 António Ferreira Gomes
EMRC



			<p>descendência e consaguinidade; confiança; Amor fraterno. Para abordar estes aspetos de forma mais lúdica, recorre-se ao humor, usando uma pequena anedota para cada elemento. Estas anedotas não têm qualquer mensagem implícita, servirão apenas para situar os alunos nos diferentes conceitos, explicitados depois pela professora. Os alunos são informados de que deverão registar no caderno o título FAMILIA e por baixo registar as palavras que vamos trabalhando.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Num último diapositivo surge um conceito genérico e abrangente de FAMILIA, que os alunos deverão registar nos seus cadernos. 	2'		
--	--	--	---	----	--	--

Ano 5º

Unidade Letiva III – FAMILIA

Lição nº 17

Sumário: Conclusão da aula anterior.

Tipologias familiares.

Eu e a minha FAMILIA.

Objetivo(s) Geral(ais):

- ↻ Reconhecer as diversas tipologias familiares.
- ↻ Refletir sobre o significado da sua FAMILIA.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias/ Atividades		Recursos	Avaliação Formativa
<p>O: Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p>	<p>- Reconhecer a</p>	<p>- conceito de FAMILIA:</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento dos alunos na sala de aula; - Chamada, marcação de faltas dos alunos; - Registo do sumário e síntese da aula anterior e abertura da lição da presente aula. - Conclusão da aula anterior – PowerPoint “FAMILIA”(anexo1): <ul style="list-style-type: none"> ▪ Os alunos recordam as ideias fundamentais que foram abordadas na aula anterior, 	<p>3'</p> <p>2'</p> <p>3'</p>	<p>Quadro</p> <p>Giz</p>	



Agrupamento de Escolas de Ermesinde
Escola Básica 2, 3 António Ferreira Gomes
EMRC



	<p>dificuldade em definir <i>FAMILIA</i></p> <p>- Identificar alguns aspectos que ajudam a delimitar o conceito de <i>FAMILIA</i></p> <p>- Compreender o conceito genérico de</p>	<ul style="list-style-type: none"> Principais características 	<p>nomeadamente no que respeita à dificuldade de encontrar uma definição estanque de <i>FAMILIA</i>. Retomam, então, o PowerPoint, onde são apontados e analisados alguns aspetos fundamentais que devem existir dentro de um grupo para que se possa chamar de <i>FAMILIA</i> – inter-ajuda; solidariedade; descendência e consaguinidade; confiança; Amor fraterno. Os alunos são informados de que deverão registar no caderno o título <i>FAMILIA</i> e por baixo registar as palavras que vamos trabalhando.</p> <ul style="list-style-type: none"> Depois de afloradas estas características, surge um conceito genérico e abrangente de <i>FAMILIA</i>, que os alunos deverão registar nos seus cadernos. <p>- Diferentes tipologias familiares (continuação do PowerPoint):</p> <ul style="list-style-type: none"> Definido o conceito de <i>FAMILIA</i>, os alunos 	<p>10'</p>	<p>Computador</p> <p>Projeto Multimédia</p> <p>PowerPoint <i>FAMILIA</i></p>	<p>Observação:</p> <ul style="list-style-type: none"> participação empenho - comportamento - reflexão - redação do texto sobre a <i>FAMILIA</i>
--	---	--	---	------------	--	--



Agrupamento de Escolas de Ermesinde
Escola Básica 2, 3 António Ferreira Gomes
EMRC



	<p><i>FAMILIA</i></p> <p>- Conhecer o conceito de agregado familiar</p> <p>- Identificar diferentes tipologias familiares</p>	<p>- Conceito de agregado familiar</p> <p>- Tipologias familiares (segundo Peter Laslett)</p>	<p>são levados a lembrar, mais uma vez, que, de facto, todas as FAMILIAS são diferentes. São, então esclarecidos quanto ao conceito de agregado familiar, que ajuda a delimitar o conceito genérico de FAMILIA (pessoas que residem na mesma casa, sob um mesmo orçamento familiar).</p> <ul style="list-style-type: none"> • Dadas estas diferenças, alguns estudiosos tentaram criar uma lista de tipologias familiares, de acordo com as suas características. De um modo meramente superficial, os alunos percorrem a proposta de tipologias familiares criada por Peter Laslett (escolhida por ser a mais ajustada à realidade): agregado familiar isolado; agregado não conjugal; agregado familiar simples; agregado familiar extenso ou alargado; agregado familiar duplo. • São, depois chamados à atenção para as tipologias familiares relacionadas com o número de membros do agregado familiar: 	<p>5'</p> <p>5'</p> <p>5'</p>		
--	---	---	--	-------------------------------	--	--



Agrupamento de Escolas de Ermesinde
Escola Básica 2, 3 António Ferreira Gomes
EMRC



	<p>- Conhecer os conceitos de FAMILIA monoparental, biparental e numerosa</p> <p>- Refletir sobre o conceito aliado à FAMILIA de cada um</p>	<p>- Tipologias familiares de acordo com o número de membros do agregado FAMILIAR</p> <p>- Perspectivas pessoais sobre a FAMILIA</p>	<p>FAMILIAS monoparentais, biparentais e FAMILIAS numerosas. Os alunos são, ainda, advertidos para a importância de adquirirem estes três conceitos pela universalidade dos mesmos (não são resultado de estudos ou ideologias).</p> <p>- Reflexão/ partilha “O que significa para mim a minha FAMILIA”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Depois de referidas as tipologias familiares, os alunos são convidados a refletir sobre a sua própria FAMILIA. Para esta reflexão são lançadas algumas questões (escritas no quadro) sobre as quais deverão pensar: <ul style="list-style-type: none"> “O que espero da minha FAMILIA?” “Como me sinto no seio da minha FAMILIA?” “O que significa, para mim, a minha FAMILIA?” “Sem a minha FAMILIA, como seria a minha vida?” 	<p>15'</p>	<p>Folha em branco</p>	
--	--	--	--	------------	------------------------	--



Agrupamento de Escolas de Ermesinde
Escola Básica 2, 3 António Ferreira Gomes
EMRC



	<p>- consolidar e esquematizar conhecimentos</p>		<p>Os alunos devem, então, redigir um pequeno texto onde demonstrem a sua opinião e o seu sentir relativamente a estas questões. Para tal a professora facultará uma folha em branco a cada aluno. Este texto será partilhado com toda a turma e entregue à professora para correção e avaliação. Nenhum aluno, contudo, será obrigado a partilhar oralmente, respeitando o seu direito à privacidade.</p> <p>- Entrega de ficha-síntese da aula (anexo 2)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Os alunos recebem uma ficha onde constam as informações essenciais abordadas ao longo desta e da aula anterior. São informados de que deverão reler estas informações em casa para que os conceitos possam ser consolidados, uma vez que serão avaliados sobre os mesmos. 	<p>2'</p>	<p>Ficha-síntese da aula</p>	
--	--	--	--	-----------	------------------------------	--



Agrupamento de Escolas de Ermesinde
Escola Básica 2, 3 António Ferreira Gomes
EMRC



CATÓLICA PORTO

Ano 5º

Unidade Letiva III – FAMILIA

Lição nº 18

Sumário: As funções e a missão da FAMILIA.

Objetivo(s) Geral(ais):

- ↪ Reconhecer as principais funções/ a missão da FAMILIA
- ↪ Refletir sobre o valor da FAMILIA

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias/ Atividades		Recursos	Avaliação Formativa
<p>O: Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p>	<p>- Refletir sobre o</p>	<p>▪ Valor da FAMILIA</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento dos alunos na sala de aula; - Chamada, marcação de faltas dos alunos e verificação dos trabalhos de casa; - Registo do sumário e síntese da aula anterior e abertura da lição da presente aula. - Partilha da reflexão sobre o significado de FAMILIA para os alunos <ul style="list-style-type: none"> ▪ Os alunos recordam alguns aspetos fundamentais abordados na aula anterior, 	<p>3'</p> <p>2'</p> <p>5'</p>	<p>Quadro</p> <p>Giz</p>	



Agrupamento de Escolas de Ermesinde
Escola Básica 2, 3 António Ferreira Gomes
EMRC



	<p>valor que a FAMILIA representa para cada um</p> <p>- Reconhecer as principais funções da FAMILIA</p>	<p>- Funções e missão da FAMILIA</p>	<p>especialmente o conceito de FAMILIA. Lembram, então, qual o trabalho solicitado para casa: a reflexão sobre o significado que as suas FAMILIAS têm. Estes são convidados a partilhar o resultado da sua reflexão. Contudo, sendo este trabalho de foro tão intimista, os alunos não serão obrigados a esta partilha. Aqueles que preferirem, entregarão apenas o trabalho para correção pela professora. Finda a partilha, todos os trabalhos serão recolhidos a fim de serem avaliados em termos de empenho, capacidade de reflexão e correção linguística.</p> <p><i>Nota: caso os alunos não realizem os trabalhos de casa, ou não os queiram apresentar, remete-se para o último passo desta planificação.</i></p> <p>- Leitura do manual: Funções e missão da FAMILIA</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Os alunos são levados a refletir sobre o 	<p>10'</p>	<p>TPC</p>	<p>Observação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - participação - empenho - comportamento - leitura - trabalho de casa: • Empenho revelado na realização do mesmo • Apresentação
--	---	--------------------------------------	--	------------	------------	--



Agrupamento de Escolas de Ermesinde
Escola Básica 2, 3 António Ferreira Gomes
EMRC



			<p>porquê da existência das FAMILIAS; a razão porque a sociedade acaba por se organizar neste tipo de grupos nucleares. Desta forma pretende-se que os alunos compreendam que a FAMILIA, enquanto grupo, detém em si funções e uma missão fundamental na vida de cada um dos seus membros. É, então, chamada a atenção dos alunos para um cartaz (anexo1) que consta do painel da sala de aula, que tem todo o seu conteúdo tapado. Nesta fase, é-lhes revelado o título do cartaz: funções da FAMILIA.</p> <ul style="list-style-type: none"> Para descobrir mais sobre algumas das funções, os alunos lêem a informação contida nas páginas 70 e 71 do manual, sendo aquelas destacadas: <u>transmissão de vida, preparação para a vida em sociedade, desenvolvimento harmonioso dos seus membros (através do equilíbrio entre autoridade e afeto), educação,</u> 	5'	<p>Cartaz <i>Funções da FAMILIA</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> Correção escrita
				15'	<p>Computador</p> <p>Projetor Multimédia</p> <p>Manual (papel e digital)</p>	

			<p>seguinte questão: <i>O que é a minha FAMILIA para mim?</i> Para os apoiar, são escritos no quadro alguns pontos que poderão referir na sua resposta:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Como me sinto junto da minha FAMILIA ✓ O que gostaria que fosse diferente na minha FAMILIA ✓ O que mais me orgulha na minha FAMILIA ✓ O que seria de mim sem a minha FAMILIA <p>Este trabalho deverá ser iniciado na aula e concluído em casa.</p> <p>- Registo da síntese de aula (dependendo do envio ou não dos TPC)</p>	5'		
--	--	--	--	----	--	--



Ano 5º

Unidade Letiva III – Família


Lição nº 19

Sumário: As funções e a missão da família: conclusão da aula anterior.

Quando a família falha: exploração do vídeo *Era uma vez uma família*, realizado pela associação *Promundo*.

Objetivo(s) Geral(ais):

- ↪ Reconhecer as principais funções/ a missão da família
- ↪ Refletir sobre possíveis consequências de quando a família não cumpre a sua função
- ↪ Conhecer apoios existentes em casos de famílias em dificuldade ou desestruturadas

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias/ Atividades		Recursos	Avaliação Formativa
<p>O: Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p>	<p>- Reconhecer as principais funções da</p>	<p>- Funções e missão da família</p>	<p>- Acolhimento dos alunos na sala de aula;</p> <p>- Chamada, marcação de faltas dos alunos e verificação dos trabalhos de casa;</p> <p>- Registo do sumário e síntese da aula anterior e abertura da lição da presente aula.</p> <p>- Leitura do manual: Funções e missão da família (conclusão da aula anterior)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Os alunos relembram as informações que 	<p>3'</p> <p>2'</p> <p>5'</p>	<p>Quadro</p> <p>Giz</p> <p>Cartaz <i>Funções</i></p>	



Agrupamento de Escolas de Ermesinde
Escola Básica 2, 3 António Ferreira Gomes
EMRC



	<p>- Reconhecer as consequências inerentes ao não cumprimento da função da família</p> <p>- Perceber o gerar de atitudes negativas por imitação</p>	<p>- Consequências do incumprimento das funções da família</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Os alunos são alertados, uma vez mais, para a importância das funções que a família deverá cumprir. Estes são inquiridos sobre as consequências que poderão surgir caso a família se demita destas funções. As respostas são resumidas e completas, se necessário, pela professora. Deverão ficar claros riscos como o desequilíbrio na educação das crianças, o desrespeito pelos membros das famílias, consequências físicas e psicológicas para os mais frágeis no meio familiar, abandono de crianças ou idosos... ▪ É explicado aos alunos que estes irão visualizar um pequeno filme intitulado <i>Era uma vez uma Família</i>, realizado pela associação <i>Promundo</i> (é brevemente explicado aos alunos que esta é uma associação mundial que, entre outras causas, luta pelo fim da violência), filme este que retrata uma situação na qual a família erra no cumprimento das suas funções. Para que 	<p>5'</p> <p>15'</p>	<p>Vídeo <i>Era uma vez uma Família</i></p> <p>Ficha de exploração do vídeo <i>Era uma vez uma Família</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Capacidade de análise • Capacidade de crítica
--	---	--	---	----------------------	--	--



Agrupamento de Escolas de Ermesinde
Escola Básica 2, 3 António Ferreira Gomes
EMRC



	- Compreender que o carácter humano da família leva a falhas por parte desta	- O carácter humano da família: imperfeição vs capacidade de aprender e melhorar	<p>possam melhor compreender o conteúdo do video, os alunos resolvem uma ficha de trabalho (anexo 2), com uma série de frases sobre o filme, que terão de decidir se são verdadeiras ou falsas. Para tal, e antes de iniciarem a visualização, deverão ler todas as frases. Os alunos visualizam, então, o video e no fim, as frases são corrigidas e comentadas. As falsas serão reescritas de forma correta.</p> <ul style="list-style-type: none"> É chamada a atenção para o facto de não haverem famílias perfeitas, pelo que, em diversos momentos, poderão falhar em alguma função, sendo o mais importante a aprendizagem a retirar destas situações de crise de forma a solidificar a família. Esta mesma aprendizagem é, também, retratada no filme. 			
--	--	--	---	--	--	--



Ano 5º


Unidade Letiva III – FAMILIA

Lição nº 20

Sumário: Quando a FAMILIA falha: exploração do vídeo *Era uma vez uma FAMILIA*, realizado pela associação *Promundo*: conclusão da aula anterior.

Objetivo(s) Geral(ais):

- ↻ Refletir sobre possíveis consequências de quando a FAMILIA não cumpre a sua função
- ↻ Reconhecer o carácter humano da FAMILIA

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias/ Atividades		Recursos	Avaliação Formativa
<p>M: Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano</p> <p>O: Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o</p>	<p>- Reconhecer as consequências inerentes ao não cumprimento da</p>	<p>- Consequências do incumprimento das funções da FAMILIA</p>	<p>- Acolhimento dos alunos na sala de aula;</p> <p>- Chamada, marcação de faltas dos alunos;</p> <p>- Registo do sumário e síntese da aula anterior e abertura da lição da presente aula.</p> <p>- Exploração do vídeo <i>Era uma vez uma FAMILIA</i> (anexo 1) – quando a FAMILIA não cumpre com as suas funções</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Os alunos começam por relembrar algumas consequências que poderão 	<p>3'</p> <p>2'</p> <p>5'</p>	<p>Quadro</p> <p>Giz</p> <p>Computador</p>	

	<p>- consolidar conhecimentos</p> <p>- preparar o segundo momento avaliativo formal</p>		<p>(anexo 3):</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Como meio de sistematizar e consolidar conhecimentos, os alunos recebem uma ficha com a síntese dos conteúdos trabalhados na aula anterior e na presente (funções da FAMÍLIA e consequências da sua falha). <p>- Entrega da matriz da ficha de avaliação sumativa (anexo 4):</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Os alunos são lembrados do momento avaliativo que irão ter na aula seguinte. De forma a estruturar o seu estudo, estes recebem a matriz da ficha de avaliação que irão realizar, onde poderão encontrar os conteúdos a avaliar, os tipos de questões que irão resolver, bem como os critérios de avaliação das mesmas. 	<p>3'</p>	<p>Matriz da ficha de avaliação sumativa</p>	
--	---	--	---	-----------	--	--



Ano 5º

Unidade Letiva III – FAMILIA


Lição nº 21

Sumário: Ficha de avaliação de conhecimentos.

Apresentação da atividade *Concurso de Cruzes*, prevista no PAA.

Objetivo(s) Geral(ais):

- ↪ Avaliar os conhecimentos adquiridos ao longo da Unidade Letiva III.
- ↪ Apresentar e apelar à participação dos alunos na atividade *Concurso de Cruzes*

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias/ Atividades		Recursos	Avaliação Formativa
<p>M: Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano</p> <p>O: Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa,</p>	- avaliar formativamente as aprendizagens		<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento dos alunos na sala de aula; - Chamada, marcação de faltas dos alunos; - Registo do sumário e síntese da aula anterior e abertura da lição da presente aula. - Resolução da ficha de avaliação de conhecimentos (anexo 1): <ul style="list-style-type: none"> ▪ Os alunos preparam-se para resolver a ficha de avaliação de conhecimentos. Estes 	<p>3'</p> <p>2'</p> <p>5'</p>	<p>Quadro</p> <p>Giz</p>	



Agrupamento de Escolas de Ermesinde
Escola Básica 2, 3 António Ferreira Gomes
EMRC



	<p>- apelar à participação dos alunos no Concurso de Cruzes</p>		<p>depois, aconselhados a resolver todas as questões e a fazer uma leitura integral no final da sua realização, a fim de corrigir quaisquer gralhas que possam ter feito. Por fim, a professora informa-os de que dispõem de 20 minutos para realizar a ficha.</p> <p>- Apresentação da atividade <i>Concurso de Cruzes</i>:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Findo o tempo previsto para a realização da prova, os alunos são elucidados relativamente à atividade prevista no PAA e que visa celebrar a festa da Páscoa Cristã – <i>Concurso de Cruzes</i>. Para tal, são esclarecidos quanto à importância desta época festiva para os cristãos, bem como a simbologia atribuída à cruz. ▪ Os alunos são, depois, convidados a participar no <i>Concurso De Cruzes</i> que irá ocorrer na escola. Este consiste numa 	<p>10'</p>	<p>Computador</p> <p>Projetor</p> <p>Multimédia</p> <p>PowerPoint</p> <p>imagens Cruzes</p>	
--	---	--	---	------------	---	--

			<p>exposição de cruzes elaboradas pelos alunos da escola, que ocorrerá durante a última semana de aulas do 2º período e primeira do 3º período, na BE. Desta exposição um júri escolhido para o efeito irá eleger as melhores cruzes, que serão premiadas posteriormente. A professora reforça a importância da realização destes trabalhos em colaboração com a FAMÍLIA de cada aluno, sendo este um excelente pretexto para a convivência e partilha familiar. Os alunos são, ainda, informados de que deverão entregar os trabalhos até dia 11 de março, na BE.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ De forma a inspirar os trabalhos, os alunos vêm algumas imagens de trabalhos feitos em anos anteriores (blog de EMRC) e outras ideias retiradas da internet (anexo 2). 			
--	--	--	--	--	--	--



Ano 5º

Unidade Letiva III – FAMILIA


Lição nº 22

Sumário: Entrega e correção da ficha de avaliação.

Auto e hetero-avaliação.

Objetivo(s) Geral(ais):

- ↪ Verificar as aprendizagens adquiridas e estabelecer estratégias de remediação para aprendizagens não alcançadas.
- ↪ Refletir sobre o trabalho realizado ao longo do período e estabelecer estratégias de melhoria no futuro.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias/ Atividades		Recursos	Avaliação Formativa
<p>M: Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano</p> <p>O: Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa,</p>	<p>- Consolidar/remediar aprendizagens</p>		<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento dos alunos na sala de aula; - Chamada, marcação de faltas dos alunos; - Registo do sumário da aula anterior e abertura da lição da presente aula. - Entrega e correção da ficha de avaliação: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Antes de receberem as fichas de avaliação, os alunos são informados quanto aos resultados gerais (com base no relatório reflexivo final da 	<p>3'</p> <p>2'</p> <p>5'</p> <p>3'</p>	<p>Quadro</p> <p>Giz</p> <p>Ficha de avaliação de conhecimentos II</p>	



Agrupamento de Escolas de Ermesinde
Escola Básica 2, 3 António Ferreira Gomes
EMRC



<p>a comunidade e o mundo.</p> <p>P: Identificar o fundamento da moral cristã</p>	<p>realizadas ao longo desta UL.</p>		<p>correção_anexo1), sendo advertidos de alguns aspetos que deverão melhorar em situações avaliativas escritas posteriores.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Os alunos recebem a sua ficha de avaliação devidamente corrigida. São-lhes concedidos uns minutos para que possam verificar a correção do seu trabalho, bem como possíveis comentários registados pela professora. ▪ A ficha é corrigida, em conjunto, devendo os alunos registar nos seus cadernos todas as respostas das questões que não resolveram corretamente (estas questões encontram-se assinaladas na correção de cada ficha). Para os ajudar nesta tarefa, a correção da ficha será projetada (anexo2). ▪ No decorrer da correção da ficha de avaliação, serão feitos alguns esclarecimentos e reforçadas aprendizagens onde os alunos evidenciem mais dificuldades. ▪ No final, é dado aos alunos espaço para colocarem questões relativamente à correção 	<p>2'</p> <p>20'</p>	<p>Relatório reflexivo final da correção da ficha de avaliação</p> <p>Computador</p> <p>Projetor Multimédia</p> <p>Ficha de avaliação: correção</p>	<p>Observação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - participação - empenho - comportamento <p>Cotação da ficha de avaliação</p> <p>Registo de auto-avaliação: capacidade de auto-análise</p>
--	--------------------------------------	--	--	----------------------	---	---



Agrupamento de Escolas de Ermesinde
Escola Básica 2, 3 António Ferreira Gomes
EMRC



	<p>- Refletir sobre as aprendizagens realizadas</p> <p>Adotar estratégias de melhoria com base na avaliação realizada</p>		<p>da sua ficha.</p> <p>- Auto-avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Os alunos começam por ser lembrados quanto ao sentido e ao objetivo da realização de uma auto-avaliação das aprendizagens – reflexão sobre o trabalho realizado: referenciação de potencialidades; identificação de lacunas nas aprendizagens; formulação de estratégias de melhoria... ▪ Os alunos fazem uma reflexão individual relativa ao decorrer do 2º período. Como forma de apoiar esta reflexão, os alunos preenchem a coluna respeitante ao segundo período, da grelha de auto-avaliação que consta da sua ficha individual de aluno. Esta grelha contempla pontos de análise como assiduidade, pontualidade, empenho, participação, resultados de trabalhos escritos, cumprimento de regras, responsabilidade, cooperação e proficiência linguística. Em cada 	<p>5'</p> <p>5'</p>	<p>Grelha de auto-avaliação (ficha individual do aluno)</p>	
--	---	--	---	---------------------	---	--



Agrupamento de Escolas de Ermesinde
Escola Básica 2, 3 António Ferreira Gomes
EMRC



			<p>um destes pontos o aluno deverá avaliar-se de 1 a 5, facilitando, desta forma, a determinação do nível global que julgam merecer. Nesta grelha, os alunos deverão, também, refletir sobre estratégias para melhorar; a sua perspectiva sobre o desempenho da professora e o decorrer das aulas. Os alunos são informados que contarão com 5 minutos para a reflexão e preenchimento do referido documento.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Como conclusão, os alunos são elucidados, oralmente, quanto às dificuldades que a turma foi evidenciando ao longo do período, sendo definidas algumas estratégias de melhoria a implementar no 3º período. 	5'		
--	--	--	--	----	--	--

II.III. Recursos ou documentos enriquecedores

Ao longo de todas as aulas fui procurando usar recursos pertinentes, apelativos, motivadores e eficazes. Estes recursos são variados, desde apresentações PowerPoint, vídeos, textos, painéis, até imagens reais ou animadas, e até mesmo o recurso do manual, de forma a ver rentabilizando o investimento que alguns pais optaram por fazer no início do ano. Note-se que este recurso não era de carácter obrigatório, pelo que, sempre que recorri ao seu uso, fiz-me munir do mesmo em formato digital para que os alunos que não o possuissem, pudessem acompanhar a leitura dos textos. Sempre que considerei pertinente, fiz a reprodução dos textos em fotocópia para que os alunos pudessem conservar a informação.

Relativamente aos recursos aqui apresentados, eles vão sendo identificados nas planificações como anexos numerados. Para que possa ser feita uma mais fácil relação dos mesmos e, conseqüentemente, seja facilitada a perceção da forma como os mesmos foram usados e explorados, estes serão organizados por aula e identificados pelos número de anexo que surge na planificação de aula.

Aula 15

Anexo 3.

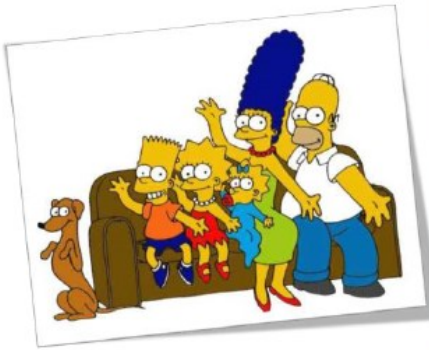


Imagem explorada em PowerPoint. Primeiro surge sem animação, sendo feita a apresentação da FAMILIA aí representada. No fim, são acrescentadas as figuras animadas, fazendo notar que há elementos considerados FAMILIA não presentes na imagem. Este foi um recurso usado na introdução do tema, a fim de iniciar a reflexão “O que é a FAMILIA?/ quem são os elementos da minha FAMILIA?”

Da exploração desta imagem surge um trabalho de casa, uma descrição da FAMILIA de cada aluno através de fotografia, desenho ou qualquer outra representação gráfica, a fim de ser apresentado na aula seguinte.

Aulas 16/ 17

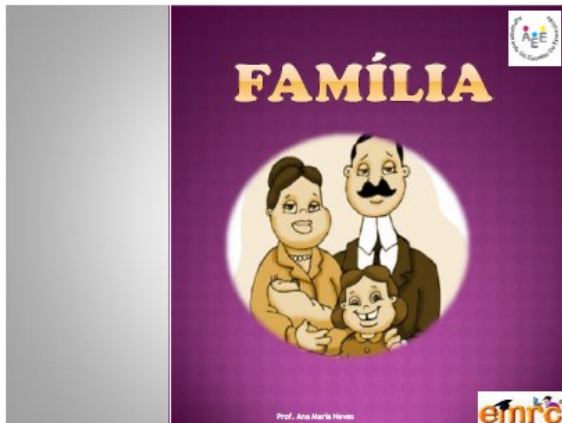
Anexo 1



Prof. Ana Maria Neves



Prof. Ana Maria Neves



Prof. Ana Maria Neves



Família: conjunto das pessoas relacionadas, por criação ou geneticamente, a alguém, linhagem, e.g. pai, mãe, filhos, avós etc

Na Biologia, família é uma clado integrada no sistema taxonómico criado por Linéu no século XVIII. A família agrupa um conjunto de géneros, ou de sub-famílias, e está incluída em ordens

A família é unidade básica da sociedade formada por indivíduos com ancestrais em comum ou ligados por laços afetivos.

Família ("A Familia", do latim: familia) era o nome de um partido político polonês criado por Augusto II, o Forte (reinou nos períodos de 1697-1706 e 1709-1733). Os principais líderes do Família foram Michał Fryderyk Czartoryski, Grande Chanceler da Lituânia, seu irmão Augusto Aleksander Czartoryski, voivoda da Rutânia (Rus), e seu cunhado (a partir de 1720), Stanisław Pototowski, castelão de Cracóvia.

Em química denomina-se grupo ou família cada coluna vertical da tabela periódica. Os elementos pertencentes ao mesmo grupo apresentam propriedades semelhantes e, em geral, o mesmo número de elétrons no nível mais externo de energia (camada de valência).

Prof. Ana Maria Neves



INTER-AJUDA

- A mãe de Joãozinho volta para casa da clínica onde teve gémeos e é recebida pelo Joãozinho:
- Mãe, mãe! Eu contei à professora que tive um irmãozinho e ela dispensou-me das últimas três horas de aulas!
- E por que é que tu não contaste que eram dois irmãozinhos? - perguntou a mãe.
- Eu não sou parvo, mãe! O outro irmãozinho eu guardei para a semana que vem!



Prof. Ana Maria Neves



SOLIDARIEDADE

- Joãozinho entra em casa, esbaforido:
- Mãe, mãe, dá-me 1 euro para eu dar ao velhinho ali na esquina!
- A mãe orgulhosa abre a carteira e dá o dinheiro ao filho:
- A qual velhinho vais dar o dinheiro, meu anjo?
- A aquele ali que está gritar: "Olha a pipoca quentinha!".



Prof. Ana Maria Neves



DESCENDENCIA E CONSANGUINIDADE

- Na aula de catequese, o padre diz:
 - Como vocês sabem, o nosso primeiro pai foi Adão e nossa primeira mãe foi Eva.
- Nisto, uma das crianças interrompe:
 - Não é verdade, professor.
 - Como não é verdade? – pergunta o padre aborrecido.
 - O meu pai diz que nós descendemos do macaco!
 - Olha meu filho, os teus problemas de família não me interessam...



Prof. Ana Maria Neves



CONFIANÇA

- O médico atende um paciente idoso e milionário, que estava a usar um revolucionário aparelho de audição e pergunta:
 - Então senhor Almeida, está a gostar do aparelho?
 - É muito bom! – respondeu o velhinho.
 - E a família gostou? – pergunta o médico.
 - Não contei a ninguém ainda... Mas já mudei meu testamento três vezes.



Prof. Ana Maria Neves



AMOR FRATERNO

- Os dois irmãos passavam a vida a discutir:
 - A minha barba era igual a tua, um dia eu percebi o quanto ela era ridícula e cortei!
- E o outro:
 - A minha cara era igual a tua e como eu não podia cortá-la, resolvi deixar crescer a barba!



Prof. Ana Maria Neves



FAMÍLIA

Conjunto de pessoas relacionadas por criação ou por genética/ consanguinidade. Esta é a unidade básica da sociedade, formada por pessoas com os mesmos antepassados ou ligadas por laços de afetividade.

Prof. Ana Maria Neves



TIPOLOGIAS FAMILIARES

Agregado familiar:

- **isolado**
 - Viúvo(a) sem filhos; pessoa solteira...
- **não conjugal**
 - Pessoas que vivem juntas sem estrutura familiar (aparentadas ou não). Ex: irmãos, solteiros...
- **simples ou nuclear**
 - Casais com ou sem filhos; viúvos(as) com filhos
- **Alargado ou extenso**
 - Vários graus de parentesco: ascendente - pais e filhos com avós; descendente - com netos; colaterais - com primos, tios, cunhados...
- **Múltiplo**
 - Vários casais habitam a mesma casa

PETER LASLETT



TIPOLOGIAS FAMILIARES

Agregado familiar:

- **Monoparental:**
 - Apenas um progenitor (pai ou mãe, biológicos ou não)
- **Biparental:**
 - Dois progenitores (pais, biológicos ou não)
- **Famílias numerosas:**
 - Famílias com três filhos ou mais

Uma família poderá ser simultaneamente monoparental ou biparental e numerosa



Anexo 2

Hoje aprendi...

☞ **FAMILIA:**

- Conjunto de pessoas relacionadas por criação ou por genética/consanguinidade. Esta é a célula básica da sociedade, formada por pessoas com os mesmos antepassados ou ligadas por laços de afetividade.
- Na FAMILIA devem imperar valores como a **interajuda, solidariedade, confiança e amor fraterno**



☞ **Agregado Familiar:**

- Conjunto de pessoas que habitam a mesma casa e partilham o orçamento familiar.

☞ **Tipologias Familiares:**

- Agregado familiar:
 - Isolado: pessoas que vivem sozinhas (viúvo/a sem filhos, solteiro/a...)
 - Não conjugal: lar sem estrutura familiar (não há casais ou filhos), pessoas que vivem juntas, podendo ser aparentadas ou não (irmãos, amigos...)
 - Simple ou nuclear: estrutura familiar de progenitores (pais, biológicos ou não) e descendentes (filhos, biológicos ou não) (casais com ou sem filhos, viúvos com filhos...)
 - Alargado ou extenso: incluem membros com diversos graus de parentesco (pais, filhos e avós, netos, primos, tios ou irmãos)
 - Múltiplo: vários casais que residem na mesma habitação
- FAMILIAS:
 - Monoparentais: formadas apenas por um dos progenitores (pai ou a mãe, biológicos ou não)
 - Biparentais: formadas por ambos os progenitores (pais, biológicos ou não)
 - Numerosas: contam com três filhos ou mais

As FAMILIAS poderão ser simultaneamente mono- ou biparentais e numerosas.



Aula 18

Anexo 1 – Esquema do cartaz resultante da exploração da informação do manual sobre as funções da FAMILIA.

Funções da FAMÍLIA



Transmissão de vida



Preparação para a vida em sociedade



*Desenvolvimento harmonioso dos seus membros
(através do equilíbrio entre autoridade e afeto)*



Educação



Transmissão de valores



Descoberta da própria afetividade



Proteção



Interajuda

Aula 19/20

Anexo 2 – Ficha de exploração do vídeo *Era uma vez uma FAMILIA*. O filme segue anexo, em formato digital.

Era uma vez uma FAMILIA

Hoje vais ver um filme que retrata a história de uma FAMILIA que apresenta alguns problemas.

Antes de ver o filme...

1. Enumera alguns problemas que podem surgir quando a FAMILIA não cumpre bem o seu papel.



Vê agora o filme com atenção e responde às questões que a seguir se colocam.

1. Lê as frases que se seguem e assinala se são verdadeiras ou falsas, de acordo com a história do filme.

- a. A FAMILIA falhou no cumprimento da sua função aquando do divórcio.
- b. A violência nesta FAMILIA era apenas física.
- c. As crianças sofriam de violência verbal, física e psicológica.
- d. A menina sentia-se como um objeto porque a mãe não lhe dava atenção.
- e. Com um simples ato de carinho a mãe faz a filha sentir-se melhor.
- f. Sempre que sofriam violência os filhos aprendiam a ser melhores.
- g. A mãe magoou a filha ao não dar atenção ao desenho que esta lhe deu.
- h. Os pais agiam com violência simplesmente porque eram maus.
- i. As atitudes violentas dos pais levou a que os filhos se tornassem violentos.
- j. Depois de refletirem sobre as suas atitudes, os pais mantiveram a sua postura.

V	F

1. Reescreve as frases que consideraste falsas, de forma a que se tornem verdadeiras.

2. Dá um exemplo de cada tipo de violência, presentes no filme:

Violência Verbal: _____

Violência física: _____

Violência psicológica: _____



Anexo 3



Não posso esquecer...

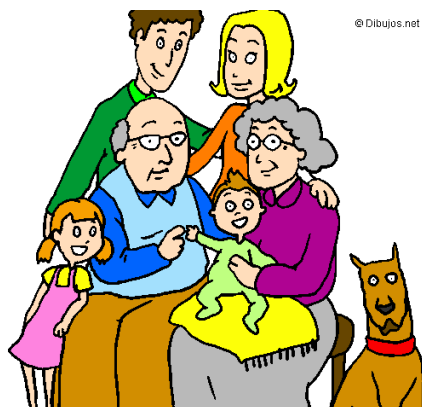
↪ **Funções da FAMÍLIA:**

- Transmissão de vida
- Preparação para a vida em sociedade
- Desenvolvimento harmonioso dos seus membros (equilíbrio entre autoridade e afeto)
- Educação
- Transmissão de valores
- Descoberta da própria afetividade
- Proteção
- Interaçã



↪ **Reflexões sobre a FAMÍLIA:**

- As FAMÍLIAs são formadas por humanos, podendo, por isso, errar ou falhar em alguns momentos;
- Os filhos, por norma, imitam os pais. Pais violentos formam filhos violentos;
- Os Cristãos baseiam a FAMÍLIA no matrimónio, que vêm como força espiritual para o casal;
- Todos têm responsabilidade na vida familiar: cuidar, educar, sustentar, ajudar, aconselhar, animar...
- Os mais velhos têm uma função muito importante, sendo fonte de sabedoria pela experiência que têm de vida.



II.IV. Instrumentos de Avaliação

A avaliação dos alunos sempre foi um ponto que me mereceu especial atenção pela fragilidade que sinto neste âmbito e pela subjetividade que implica. Ser objetiva e justa na hora de avaliar é sempre difícil, e quando a avaliação implica avaliar conhecimentos relacionados com valores e princípios morais, por muito universais, científicos ou genéricos que sejam, é sempre complicado.

Na busca do máximo de objetividade, fiz uma avaliação constante dos alunos através da observação direta, formal e informal, das suas atitudes, do seu empenho, dos seus comportamentos, da sua evolução... Além destas observações, recorri a outros instrumentos como trabalhos de casa e de aula, trabalhos de grupo, apresentações... que fui avaliando esporadicamente. Além de todos estes instrumentos, em todas as unidades trabalhadas realizei uma ficha de avaliação de conhecimentos formal, adaptada à turma, ao timing da aula, com o máximo rigor metodológico e científico. Estas fichas forma sempre precedidas de matrizes, entregues aos alunos, para que este pudessem preparar-se devidamente para as provas, e precedidas de matrizes de correção e relatórios de análise de resultados. Estes relatórios tiveram especial importância pois deles resultou a reflexão da minha prática, aferindo conhecimentos que ainda precisavam de ser remediados nos alunos e mudanças que necessitaria de imprimir nas estratégias a aplicar.

Todas a inferências que fui fazendo ao longo do ano forma sendo registadas na grelha de observação/ registo diário do professor, o que facilitou a objetivação da avaliação de cada aluno.

Ficha de Avaliação de Conhecimentos

02, março, 2016

Nome: _____ nº _____ Turma: _____

Prof: _____ Avaliação: _____

Obs:

Esta pequena ficha tem por objetivo verificar e avaliar os conhecimentos que foste adquirindo ao longo da Unidade Letiva III: FAMILIA. Antes de iniciar a prova, lê todas as questões com atenção, de forma a entenderes o que é pedido em cada uma delas. Quando terminares a resolução da ficha não esqueças de reler todas as tuas respostas. Assim poderás corrigir possíveis erros ou gralhas.

1. Define o conceito de FAMILIA, usando palavras tuas.

2. Estabelece a relação correta entre as **tipologias familiares** (coluna A) e as suas **características** (coluna B), registando o número no espaço em branco correspondente. Algumas frases correspondem a mais que uma tipologia familiar.

Coluna A	Coluna B
1 – FAMILIAS monoparentais 2 – FAMILIAS biparentais 3- FAMILIAS numerosas	_____ a) O cuidado e a educação dos filhos está ao encargo de um dos progenitores (pais). _____ b) Os dois progenitores vivem em conjunto e partilham o cuidado e educação dos filhos. _____ c) FAMILIAS formadas apenas por um dos progenitores. _____ d) FAMILIAS com mais de três filhos. _____ e) Os pais partilham, normalmente, a mesma habitação com os filhos.



3. A FAMILIA tem funções fundamentais no desenvolvimento dos seus membros. Lê as seguintes afirmações e indica se são verdadeiras (V) ou falsas (F).

- a) No contexto familiar a criança recebe os primeiros afetos e aprende a partilhar.
- b) O bom desenvolvimento dos membros da FAMILIA depende de afeto e ausência de autoridade.
- c) Na FAMILIA a melhor forma de transmitir valores é através de palavras.
- d) A FAMILIA deve ser porto de abrigo dos seus membros, especialmente os mais frágeis.
- e) Numa FAMILIA unida e feliz, cada um sobrevive sem a ajuda dos outros.

3.1. Agora relê as frases que consideraste falsas e reescreve-as, de forma a tornarem-se verdadeiras.

4. Recorda a reflexão que realizaste relativamente a situações em que a FAMILIA falha. Completa o texto seguinte usando as palavras corretas.

<i>agir</i>	<i>experiência</i>	<i>respeitar</i>	<i>feliz</i>	<i>aprender</i>	
<i>incorretas</i>	<i>funções</i>	<i>erre</i>	<i>velhos</i>	<i>humanos</i>	<i>amar</i>
<i>crescer</i>	<i>regras</i>	<i>diferenças</i>	<i>educadores</i>	<i>maus</i>	

Nem sempre a FAMILIA cumpre as suas Quando os revelam atitudes, os mais novos vão aprender a da mesma forma, tornando-se adultos.

Sendo a FAMILIA formada por, é natural que, mas o importante é e com os erros. Para tal, os mais poderão ser uma ajuda preciosa pela sua de vida.

Bom trabalho!



Ficha de Avaliação de Conhecimentos_Matriz de Correção

02, março, 2016

1. Define o conceito de FAMILIA, usando palavras tuas.

Resposta pretendida:

- a. Célula básica da sociedade
- b. Conjunto de pessoas ligadas por: - consanguinidade/ genética
- laços de afetividade/ criação
- mesmos antepassados
- c. Devem imperar valores como interajuda, solidariedade, confiança e amor fraterno

Enriquecimento:

- d. Porto de abrigo
- e. Pessoas que se amam

Critérios de correção

	cotação
Conteúdo	25%
Resposta completa (a.+b.+c.)	25%
Resposta incompleta	a.8% b.12% (4x3) c: 5% (percentagem descontada na falta de menção do item)
Resposta enriquecida	3% por iten (a acrescentar apenas em caso de resposta incompleta)
Forma	5%
Redação correta, isenta de erros ortográficos ou de estrutura	5%
Redação com algumas incorreções, apresentando alguns erros ortográficos ou de estrutura	3%
Redação com erros ortográficos e de estrutura significativos	0%

2. Estabelece a relação correta entre as **tipologias familiares** (coluna A) e as suas **características** (coluna B), registando o número no espaço em branco correspondente. Algumas frases correspondem a mais que uma tipologia familiar.

Coluna A	Coluna B
<p>1 – FAMILIAS monoparentais</p> <p>2 – FAMILIAS biparentais</p> <p>3- FAMILIAS numerosas</p>	<p>1 a) O cuidado e a educação dos filhos está ao encargo de um dos progenitores (pais).</p> <p>2 b) Os dois progenitores vivem em conjunto e partilham o cuidado e educação dos filhos.</p> <p>1 c) FAMILIAS formadas apenas por um dos progenitores.</p> <p>3 d) FAMILIAS com mais de três filhos.</p> <p>2 ou 3 e) Os pais partilham, normalmente, a mesma habitação com os filhos.</p>

Critérios de correção

	cotação
Conteúdo	20%
Resposta completa (uma correspondência correta por item)	20%
Resposta incompleta	4% (desconto por cada correspondência incorreta)
Resposta enriquecida (caso registem as duas opções no item e))	1% (a acrescentar apenas em caso de resposta incompleta)

3. A FAMILIA tem funções fundamentais no desenvolvimento dos seus membros. Lê as seguintes afirmações e indica se são verdadeiras (V) ou falsas (F).

- f) No contexto familiar a criança recebe os primeiros afetos e aprende a partilhar.
- g) O bom desenvolvimento dos membros da FAMILIA depende de afeto e ausência de autoridade.
- h) Na FAMILIA a melhor forma de transmitir valores é através de palavras.

	V	F
f)	X	
g)		X
h)		X

- i) A FAMÍLIA deve ser porto de abrigo dos seus membros, especialmente os mais frágeis.
- j) Numa FAMÍLIA unida e feliz, cada um sobrevive sem a ajuda dos outros.

X	
	X

Critérios de correção

	cotação
Conteúdo	30%
Resposta completa (categorização correta de todas as frases)	30%
Resposta incompleta	6% (desconto por cada categorização incorreta)

3.1. Agora relê as frases que consideraste falsas e reescreve-as, de forma a tornarem-se verdadeiras.

Resposta pretendida:

- b. O bom desenvolvimento dos membros da FAMÍLIA depende do equilíbrio entre o afeto e autoridade.
- c. Na FAMÍLIA a melhor forma de transmitir valores é através do exemplo.
- d. Numa FAMÍLIA unida e feliz todos se interajudam.

Critérios de correção

	cotação
Conteúdo	7,5%
Resposta completa (b.+c.+d.)	7,5%
Resposta incompleta	2,5% - desconto por resposta ausente/ incorreta 1% - desconto pela escolha da palavra "afeto" em vez de "exemplo" na alínea c.
Nota: caso o aluno apresente alíneas não falsas, estas não são cotadas nem descontam na cotação da questão.	
Forma	1,5%
Redação correta, isenta de erros ortográficos ou de estrutura	1,5%
Redação com algumas incorreções, apresentando alguns erros ortográficos ou de estrutura	1%
Redação com erros ortográficos e	0%

de estrutura significativos	
-----------------------------	--

4. Recorda a reflexão que realizaste relativamente a situações em que a FAMILIA falha. Completa o texto seguinte usando as palavras corretas.

Nem sempre a FAMILIA cumpre as suas funções¹. Quando os educadores revelam atitudes incorretas os mais novos vão aprender a agir da mesma forma, tornando-se maus adultos.

Sendó a FAMILIA formada por humanos é natural que erre mas o importante é crescer² e aprender² com os erros. Para tal, os mais velhos poderão ser uma ajuda preciosa pela sua experiência de vida.

Critérios de correção

	cotação
Conteúdo	11%
Resposta completa (todas as palavras corretas)	11%
Resposta incompleta	1% (desconto por cada palavra incorreta) 0,5% (desconto por opções menos adequadas)*
*Opções aceites, sujeitas a penalização	¹ Regras ² Amar/ respeitar

II.V. Reflexão Crítica da Gestão do Currículo

Tendo em conta as opções tomadas no início do ano letivo, considero ter feito a escolha acertada dos temas a tratar, bem como da sequência dos mesmos. A turma reagiu sempre bem aos temas apresentados, aos assuntos tratados e às estratégias que foram sendo implementadas.

Um dos aspetos que gostaria de destacar como tendo sido, de facto, bastante positivo, foram as aulas que foram reservadas para o Acolhimento aos alunos no início do ano letivo. Na verdade, sendo uma turma de 5º ano, com alunos bastante jovens (apenas 4 possuíam já retenções e destes apenas 1 fora retido mais que uma vez), todos novos na escola, com exceção de dois alunos, novatos num dos maiores saltos de crescimento das suas vidas, verificou-se muito benéfico atrasar um pouco o início da lecionação dos conteúdos do programa, dando lugar a este acolhimento. Arrisco até dizer que o decorrer harmonioso de todo o ano se deve em muito a este investimento inicial. Além do exposto, devo referir que os alunos do 5º C nunca tinham tido contacto com a disciplina, pelo que foi, também, fundamental desmistificar a ideia errada e a confusão entre E.M.R.C. e Catequese e clarificar os objetivos pretendidos com a lecionação desta disciplina.

A Unidade Letiva 1 revelou-se, como esperava, muito relevante para os alunos, com destaque para o grupo e o conceito de consensos que lhes ficou muito presente até ao fim do ano. Não foram poucas as situações em que me respondiam a várias questões com propostas de criação de consensos, estabelecendo uma linha lógica de pensamento, ligando todas as matérias estudadas ao longo do ano. Dada a relevância do tema, e as dificuldades por mim sentidas no início do ano no se refere à gestão do tempo, houve alguma necessidade de reajuste da planificação anual. De facto, programei 6 aulas para esta unidade, sendo que abordaria alguns conteúdos já no acolhimento,

mas acabei por ir além das 8 aulas, deixando apenas 2 aulas para o tratamento do tema do Natal.

Esta segunda Unidade letiva – Advento e Natal acabou por ser muito concentrada em apenas duas aulas. Para tal, foquei-me em aspetos científicos que pareceram-me pertinentes clarificar aos alunos, tais como simbologia, a influência deste acontecimento na história da humanidade... Considero que foi suficiente, embora haja aspetos que possam vir a ser mais trabalhados e esclarecidos, mas não necessariamente numa Unidade letiva dedicada ao Natal.

Estes aspetos poderão ser trabalhados no 6º ano, quando se falar da pessoa de Jesus Cristo; no 7º ano, ao tratar do Cristianismo ou até no 8º, aquando do Ecumenismo.

O tema que me suscitou mais interesse e também mais dificuldade foi o da Unidade Letiva 3 – FAMILIA, Comunidade de Amor. Este é um tema pertinente, mas que expõe muitas fragilidades e algumas confusões das nossas crianças. Procurei sempre tratar o tema com rigor científico, partindo da experiência dos alunos, para ir ao encontro deles. A turma, em geral, reagiu muito bem. Conseguiram acompanhar as atividades e, apesar de ter alunos com situações familiares muito díspares (monoparentais, biparentais, reconstituídas, FAMILIAS alargadas, orfãos que vivem com os avós...), conseguiram interiorizar os conceitos que foram sendo trabalhados, as funções e as consequências de uma FAMILIA disfuncional. Contudo, não posso deixar de lamentar a situação de 2 ou 3 alunos que nunca conseguiram compreender, não por achar que seja imprescindível saber o contexto familiar ou o seu sentir em relação à FAMILIA, mas por não ter conseguido perceber até que ponto apreenderam os conteúdos lecionados. Estes alunos não corresponderam em nenhum tipo de avaliação, não participaram e os comentários que foram tecendo foram sempre de teor negativo em relação às suas FAMILIAS. Considero, com algum pesar, não ter conseguido fazer aqueles alunos aprender dentro desta unidade temática. Apesar disso, considero que fiz uma seleção acertada dos conteúdos a trabalhar, indo ao encontro dos interesses e das realidades dos alunos, sem descurar do rigor científico ou da exigência do programa.

Na última Unidade Letiva senti-me muito satisfeita por notar a evolução feita pelos meus alunos. Estes acompanharam muito bem a leção das matérias e foram sempre fazendo relações muito pertinentes com as aprendizagens realizadas nas Unidades Letivas anteriores. A título de exemplo, conseguiram fazer a relação entre Fraternidade – criação de consensos – partilha e interajuda como irmãos. Nesta fase, depois de ter desenvolvido em mim a capacidade de os desafiar mais e de lhes proporcionar mais o ensino pela descoberta, apercebi-me de como os alunos começaram a fazer deduções lógicas, fazer juízos críticos (alguns que tiveram de ser trabalhados) e a desenvolver a sua capacidade de raciocínio, de reflexão e de tomada de posição perante determinadas situações.

De um modo geral, considero que as opções curriculares tomadas foram positivas e bem sucedidas. Penso ter preparado bem os alunos, deixando-os prontos para iniciarem o 6º ano, com todas as bases adquiridas para o efeito.

III. Atividades de Enriquecimento Curricular

Tendo a noção de que o ensino vai muito além das quatro paredes da sala de aula, no início do ano letivo foram propostas algumas atividades de enriquecimento curricular, com o objetivo de apoiar e consolidar as aprendizagens dos nossos alunos. De entre diversas atividades propostas pelo Grupo 290, EMRC, optei por aderir a quatro, enquanto colaboradora, sendo que duas delas diretamente com a minha turma. De um modo geral, estas opções prenderam-se com a pertinência que teriam para o currículo da turma com que trabalhei, com a integração na comunidade educativa e, claro, com o trabalho de grupo inerente ao núcleo de estágio. Neste contexto específico, destaco duas atividades nas quais participei enquanto colaboradora, envolvendo ativamente toda a turma com que trabalhei:

↳ Concurso de presépio

↳ Concurso de cruces

Estas duas atividades estiveram direta e curricularmente integradas no tratamento da UL3: Família, Comunidade de Amor. Através das mesmas, procurou-se fomentar a partilha e a convivência familiar, no sentido de potenciar a interajuda, a relação e até mesmo a tolerância e a reconciliação no seio familiar.

III.I. Concurso de Presépios

O Concurso de Presépios foi uma atividade promovida pelo grupo 290, na qual eu participei como colaboradora, através da sua divulgação e integração no currículo definido para a turma com a qual trabalhei ao longo deste ano letivo. Esta atividade consistiu na exposição/ concurso de presépios elaborados pelos alunos (sozinhos ou em colaboração com familiares e/ ou amigos). Teve como grandes objetivos preparar a vivência do Natal, valorizar o verdadeiro símbolo do Natal Cristão e estimular a criatividade dos alunos.



Tendo em mente o tratamento da Unidade Letiva 2 – Advento e Natal, pareceu-me de todo pertinente participar ativamente nesta atividade.

Por outro lado, esta atividade serviria já de preparação para o tratamento da UL3 – Família, Comunidade de Amor. Desta forma, fiz a divulgação e explicitação atempada da atividade aos meus alunos, solicitando e apelando à sua participação na mesma. Nesta participação foi valorizada a elaboração em conjunto com a FAMILIA, fomentando a vivência familiar proposta pela atividade. A turma teve uma forte participação, que foi devidamente avaliada em termos de empenho e criatividade. Os trabalhos foram expostos e avaliados por um júri composto por um professor, um assistente operacional, um aluno do 2º ciclo, outro do 3º ciclo e um encarregado de educação. De notar o facto do trabalho vencedor ser de uma aluna do 5º C, o que revela o empenho e o esforço que os alunos entregaram a este concurso.



Foram, assim, trabalhados grandes objetivos como:

- ↳ Sensibilizar os alunos e a comunidade escolar para o verdadeiro sentido do Natal.
- ↳ Valorizar as tradições histórico-culturais, reconhecendo o sentido cristão do Natal.
- ↳ Estimular o trabalho e encontro em FAMÍLIA.
- ↳ Promover a construção do presépio com os mais variados materiais.
- ↳ Promover a rentabilização de materiais.
- ↳ Fomentar a pesquisa.
- ↳ Alargar o universo de conhecimentos.

III.II. Concurso de Cruzes

O Concurso de Cruzes foi uma atividade promovida pelo grupo 290º, na qual eu participei como colaboradora, através da sua divulgação e



integração no currículo definido para a turma com a qual trabalhei ao longo deste ano letivo. Esta atividade consistiu na exposição/ concurso de Cruzes elaboradas pelos alunos (sozinhos ou em colaboração com familiares e/ ou amigos). Teve como grandes objetivos sensibilizar a comunidade escolar e os alunos em particular para o verdadeiro sentido da Páscoa Cristã, valorizar e compreender símbolo da Páscoa Cristã e, simultaneamente, fomentar a convivência e a partilha em FAMILIA, bem como estimular a criatividade dos alunos.

Tendo em mente o tratamento da Unidade Letiva 3 – FAMILIA, Comunidade de Amor, pareceu-me de todo pertinente participar ativamente nesta atividade. Desta forma, fiz a divulgação e explicitação atempada da atividade aos meus alunos, solicitando e apelando à sua participação na mesma. Nesta participação foi mais valorizada a elaboração em conjunto com a FAMILIA, fomentando, como já referi, a vivência familiar proposta pela atividade. A turma teve, mais uma vez, uma forte participação, que foi devidamente avaliada em termos de empenho e criatividade. Os trabalhos foram expostos e avaliados por um júri composto por um professor, um assistente operacional, um aluno do 2º ciclo, outro do 3º ciclo e um encarregado de educação. De notar o



facto de, à semelhança do concurso de presépios, o trabalho vencedor ser de uma aluna do 5º C, o que revela, mais uma vez, o empenho e o esforço que os alunos entregaram a este concurso. Desta vez foi bastante notório o trabalho realizado em FAMILIA pelo recurso a técnicas como solda e outras, que os alunos não teriam capacidade de desenvolver sozinhos.

Bibliografia

Documentos da Igreja Católica

J. PAULO II, *Familiaris Consortio*, 1981

J. PAULO II, *Carta às Famílias*, 1994

IGREJA CATÓLICA. *Catecismo da Igreja Católica*. Lisboa. Gráfica de Coimbra, 1999

FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 2013

FRANCISCO, *Amoris Laetitia*, 2016

Bibliografia

ADNÉS, P. *Réconciliation*. In RYELANDT, vol. III. Paris. Beauchesne, 1988.

ALTE DE VEIGA, MANUEL. *Vida, Violência, Escola, Família*. Braga. Edições APPACDM de Braga, 2003

AZEVEDO, ISRAEL BELO DE. *O Mito da Família Perfeita*. Niterói, Rio de Janeiro. Editora Textus, 2003

BISPOS DAS DIOCESES DO CENTRO. *A Família Cristã, reflete, dialoga e reza*. Gráfica de Coimbra, 2004

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA. *Léxico da Família. Termos ambíguos e controversos sobre a família, vida e aspetos éticos*. Cascais. Principia, 2010

- DELGADO, ANABELA; WALL, KARIN. *Famílias nos Censos 2011: diversidade e mudança*. Lisboa. Imprensa de Ciências Sociais, 2014
- DUMOUCHEL, D. *Réconciliation*. In LES NOTIONS PHILOSOPHIQUES, vol. II. Paris. Presses universitaires de France, 1990.
- EQUIPAS DE FAMÍLIAS NA PARÓQUIA. *Evangelizar as Famílias*. Diocese de Coimbra, 1988
- FERNANDES, JOSÉ NUNES. *O conceito da família em Freud*. Letra Capital Editora. Rio de Janeiro, 2014.
- FUNDAÇÃO SPES. *Reconciliação, Caminho para a Paz. Conferência das Jornadas 16 e 17 de Abril 1999*. Porto. Fundação SPES, 2000.
- HOLGUÍN, JUAN LARREA. *El Papa y la Familia*. Madrid. Libros MC, 1996
- KASPER, WALTER. *O Evangelho da Família*. Lisboa. Paulinas Editora, 2014
- KENNEDY, ROBERT J. *Reconciliation: The continuing agenda*. Minnessota. The liturgical Press, 1987
- LA BROSSE [et al]. *Dicionário de Termos de Fé*. Porto. Editorial Perpétuo Socorro, 1989
- LECLERCQ, JACQUES. *La Familia, segun el derecho natural*. Barcelona. Editorial Herder, 1967
- MARQUES, RAMIRO. *Valores Éticos e Cidadania na Escola*. Lisboa. Editorial Presença, 2003
- MELINA, LIVIO. *Por una cultura de la familia. El lenguaje del amor*. Edicep. Valencia, 2009
- MONBOURQUETTE, JEAN. *L'arte di perdonare*. Milano. Edizione Paoline, 1994

NEUENSHWANDER, MARKUS. *Desenvolvimento e identidade na adolescência*. Coimbra. Ed. Almedina, 2002

PÉREZ- SOBA, J.J.; KAMPOWSKI, S. *El verdadero Evangelio de la familia. Perspectivas para el debate sinodal*. Madrid. Biblioteca de Autores Cristianos, 2014.

PÉREZ-SOBA DIEZ DEL CORRAL, JUAN JOSÉ. *El corazón de la familia*. Publicaciones de la Facultad de Teología de San Dámaso. Madrid, 2005.

ROSA, M^a JOÃO VALENTE; VIEIRA, CLAUDIA. *A população portuguesa no século XX. Análise dos Censos de 1900 a 2001*. Lisboa. Imprensa de Ciências Sociais, 2003

SATIR, VIRGINIA. *Relações Humana no Núcleo Familiar*. Eliteca. 1978

SCOLA, ANGELO. *Famiglia, risorsa decisiva*. Padova. Edizioni Messaggero Padova, 2012

TAVARES ET ALARCÃO. *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. Coimbra. Livraria Almedina, 1992

TEDESCO, JUAN CARLOS. *O novo pacto educativo*, Vila Nova de Gaia. Fundação Manuel Leitão, 2000.

VIDAL, MARCIANO. *El matrimonio. Entre el ideal cristiano y la fragilidad humana. Teología, moral y pastoral*. Desclée de Brouwer, Bilbao, 2003.

VIDAL, MARCIANO. *Para orientar la familia posmoderna*. Verbo Divino, Estella (Navarra), 2001.

WAGNER, ADRIANA. *Como se perpetua a família?: a transmissão dos modelos familiares*. EDIPUCRS. Porto Alegre, 2005.

Fontes

<http://www.capuchinhos.org/attachments/article/834/Fam%C3%ADlia%20-%20amor,%20comunh%C3%A3o,%20reconcilia%C3%A7%C3%A3o.pdf>